

1980/1990 - mais de 230 títulos



mais de 6 milhões de exemplares vendidos

No sentido comum, a anarquia sempre foi sinônimo de caos, bagunça, desordem. Porém, essa idéia está bem distante do sentido da palavra grega *anarchos*, que define o princípio do não-governo, da não-autoridade. Muitas foram as correntes políticas que lutaram em defesa dessa idéia. Narrando a história dessas lutas, na Europa e na América, da vida de seus principais articuladores e da repressão às suas atividades, Caio Túlio Costa nos introduz a um dos mais importantes movimentos políticos internacionais da história contemporânea.

Área de Interesse: Política



ISBN 85-11-01005-X



C. T. Costa

ANARQUISMO



Caio Túlio Costa
**O QUE É
ANARQUISMO**
editora **brasiliense**

5

Caio Túlio Costa

O QUE É ANARQUISMO

Coordenação:
Vanya Sant'Anna

editora brasiliense

Copyright © by Caio Tulio Costa, 1980

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia da editora.

Primeira edição, 1980
16ª reimpressão, 2004

Revisão: Newton T. L. Sodré
Caracaturas: Emílio Damiani e Hugo Pires
Capa: Mário Camerini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, Caio Tulio
O que é anarquismo / Caio Tulio costa ;
coordenação Vanya Sant'Anna. -- 1ª ed. -- São Paulo :
Brasiliense, 2004. -- (Coleção primeiros passos ; 5)

16ª reimpr. da 1. ed. de 1980
Bibliografia.
ISBN 85-11-01005-X

I. Anarquismo I. Sant'Anna, Vanya II. Título.
III. Série

04-1336

CDD-320.57

Índices para catálogo sistemático:

1. Anarquismo : Política 320.57

editora brasiliense s.a.

Rua Airi, 22 - Tatuapé - CEP 03310-010 - São Paulo - SP
Fone/Fax: (0xx11) 6198-1488
E-mail: brasilienseedit@uol.com.br
www.editorabrasiliense.com.br

livraria brasiliense s.a.

Rua Emília Marengo, 216 - Tatuapé - CEP 03336-000 - São Paulo - SP
Fone/Fax (0xx11) 6675-0188

ÍNDICE

– Introdução	7
– A Ingênuia Lucidez	10
– Os Ingovernáveis	30
– O Internacionalismo	65
– A parte maldita	85
– Na Rússia	85
– Na França	98
– Na Itália	105
– Na Espanha	110
– Nas Américas	117
– Bibliografia	121



INTRODUÇÃO

Este livro está dividido em quatro partes que procuram dar conta de uma maneira bem geral do que seja o anarquismo, ou melhor, os anarquismos; uma vez que existem inúmeras correntes distintas que formam o que se convencionou chamar de movimento libertário.

O primeiro capítulo, *A ingênua lucidez*, funciona como uma introdução ao tema. Ali estão historicamente apresentadas as correntes mais marcantes no seio do movimento anarquista: o Mutualismo, inspirado no que deixou escrito o francês Pierre-Joseph Proudhon no século passado; o Coletivismo Bakuninista, que como diz o nome foi propagandeado por Michail Bakunin; o Anarco-comunismo impulsionado por P. Kropotkin; o Anarco-sindicalismo criado na França e desenvolvido posteriormente na

Europa e nas Américas e, finalmente, o Individualismo Anarquista que desembocou na violência de cunho político.

O segundo capítulo, que tem por título *Os ingovernáveis*, apresenta um resumo da vida e da obra de alguns dos mais significativos e mais conhecidos líderes anarquistas: William Godwin, Max Stirner, Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Leon Tolstói, Errico Malatesta e Emma Goldman, esta última incorporada ao livro por ter sido uma das primeiras mulheres que amou, escreveu e combateu em nome do anarquismo.

No terceiro capítulo foi feito um pequeno histórico das aspirações internacionais dos libertários. O capítulo começa com a história da Associação Internacional dos Trabalhadores, mais conhecida como I Internacional, onde Karl Marx e Bakunin travaram duras batalhas pelo controle do movimento operário europeu na segunda metade do século passado. O capítulo segue acompanhando todas as iniciativas anárquicas na tentativa de criar um organismo revolucionário internacional.

O quarto capítulo, *A parte maldita*, mostra e relata um pouco dos fatos do movimento anarquista onde ele foi mais forte e participante: Rússia, França, Itália e Espanha. Aí pode-se encontrar a história da repressão ao anarquismo na Rússia antes e depois da revolução de outubro de 1917; o desdobrar dos atentados de violência política na França e na Itália e uma súmula do vigoroso

movimento libertário espanhol. No final, um pequeno panorama do anarquismo nas Américas e no Brasil.

Para este estudo segui criteriosamente os roteiros traçados pelos estudiosos do anarquismo como, entre outros, James Joll, Daniel Guérin, Paul Avrich e George Woodcock de cuja obra, *Anarchism*, reproduzo a cronologia e subscrevo a maioria das opiniões.



A INGÊNUA LUCIDEZ

Richard Wagner, além de combater nas barricadas de Dresden ao lado de Bakunin, compôs uma peça grandiosa, "O Holandês Voador", música do cataclisma, apocalíptica; os metais vibram com uma intensidade extraordinária, o som arrebatava os ouvidos, é quase o fim do mundo, ou o começo. O ainda jovem idealista Michail Alexandrovich Bakunin ao passar em 1849 por Dresden conheceu Wagner e apaixonou-se pelo "Holandês Voador". Foi quando cruzou também com a música de Beethoven, prometendo, após a revolução, quando nada mais restasse em pé, salvar a partitura da "Nonna Sinfonia" em troca de sua vida, se fosse o caso.

Esta paixão de Bakunin pela música grandiosa, pelo espectro do caos, da destruição, onde as imagens se confundem e reviram céus e terra engolin-

do a vida, a natureza e os homens, estendeu-se por toda a sua existência. Não foi gratuitamente que ele mesmo sentenciou a criatividade do caos, pois a paixão pela destruição — em seu próprio dizer — também é uma paixão criadora.

No sentido comum, a anarquia sempre foi o caos, a desordem. A palavra transformou-se em sinônimo de bagunça e os cronistas e historiadores de hoje jamais lograram repor o significado veraz de um passado glorioso e, no mínimo, construtivo. Por paradoxal que pareça, anarquia não é bagunça, muito menos ordem. Mas não é com apenas uma pequena dose de purgante que se limpam quase dois séculos de distorções acumuladas na cabeça dos homens e alimentadas dia a dia. Também, não há dúvida, foram os próprios anarquistas a colaborar para a imagem que se faz deles; como nunca quiseram tomar o poder, é óbvio que jamais iriam fazer de suas representações as imagens oficiais na mente dos homens.

Os anarquistas, se é que se pode encontrar algo de comum entre eles, têm em mira apenas o indivíduo, sem representantes, sem delegações, produtor, naturalmente em sociedade. Positivamente, eles preconizam uma nova sociedade e indicam alguns meios para isto.

Como em todas as revoluções, diria Camus, a liberdade está no seu princípio. A justiça também, inimaginável sem a liberdade. Mas chega o momento do terror, da violência, do assassinio; é a justiça

cobrando e exigindo a suspensão da liberdade. O paradoxo deixa a pergunta da inevitabilidade da revolução e expulsa do rosto dos revolucionários o ar de felicidade. Quase todos os anarquistas procuraram a revolução, alguns foram violentos, outros simplesmente apoiaram a violência.

Do anarquismo cristão de Leon Tolstói — passando pelas bombas de Ravachol em Paris do fim do século, as comunidades libertárias espanholas, os Kibutz israelitas de antes de 1948 — aos Índios Metropolitanos na Itália, que surgiram das ruas armados de arco e flexa aos gritos de “estais atentos, nós somos os verdadeiros delinquentes”, estão presentes os princípios que os anarquistas plantaram no século passado. E como tudo que vive, não existe somente um anarquismo, abstrato e definido, conceitualmente manejável e concretamente perceptível. Existem vários anarquismos. A tentativa é detectá-los historicamente para compreendê-los um pouco antes que nos obriguem a esquecê-los.

A idéia de caos na sociedade está bem distante do que um dia pensou Tolstói, Godwin, Thoreau ou Kropotkin. A palavra *anarchos*, em grego, pode ser usada para definir desordem na falta de um governo, ou quando não existe a necessidade dele. Portanto, anarquia etimologicamente quer dizer sem governo, sem autoridade, sem superiores. Somente.

Os franceses tiveram a honra de usar a palavra pejorativamente pela primeira vez. Durante a Revolução Francesa, os girondinos usaram-na para injuriar

seus adversários da esquerda. Brissot xingava os *Enragés* de anarquistas. Robespierre foi vítima da mesma pecha. Coube a Pierre-Joseph Proudhon a recuperação e cunhagem do termo anos depois, ao reivindicar para si o título de anarquista, usando-o de maneira positiva e aproveitando a ambigüidade da palavra original grega. Sébastien Faure, outro teórico anarquista, diria depois: “quem negue a autoridade e a combata é um anarquista”. Woodcock, em 1960, completou a definição relativizando-a: “todo anarquista nega a autoridade, muitos a combatem”. E a idéia do caos continua distante.

Oferecendo um exemplo mais próximo, numa volta à história com olhos mais complacentes, Noam Chomsky lembra, numa entrevista, que os anarquistas sempre se referiram favoravelmente ao ideal da democracia jeffersoniana (Thomas Jefferson, presidente dos EUA de 1801 a 1809), para o qual o melhor governo é o que governa menos. Chomsky adiciona ainda a observação de Henry David Thoreau para quem o melhor governo é o que não governa em absoluto.

As forças sociais que erigiram o que hoje se chama de século XIX encontraram pela frente duras batalhas. Foram tempos da coroação do capitalismo, da consolidação da burguesia, mas foram tempos também de uma crítica social violenta, de ensaios revolucionários como o da França em 1848 ou mesmo o da Comuna de Paris, entre milhares de exemplos; de produção filosófica constante e crítica,

de denúncias da miserável exploração do homem pelo homem, de questionamentos.



Michail Bakunin (1814-1876)

O que atualmente se sabe dos anarquistas foi plantado seguramente com a aparição, no cenário político, de Bakunin, um russo curioso e instigante. Antes dele os historiadores detectam outros personagens fora do contexto conturbado da luta política, das barricadas, das reuniões internacionais, das greves e das fugas espetaculosas. William Godwin, Thoreau ou Max Stirner, por exemplo, desenvolveram seus projetos à parte do movimento dito anarquista, frutos apenas do espírito do tempo.

Os anarquistas sempre estiveram de acordo em relação ao fim último de seus propósitos, divergindo apenas quanto à tática mais convincente para consegui-lo. Os partidários de Tolstói, próximos ao que se pode chamar de anarquismo cristão, não admitiam a violência em nenhuma circunstância. O inglês William Godwin esperava determinar mudanças mediante discussões. Proudhon e seus partidários propugnavam a mudança social através da proliferação das organizações cooperativas. Kropotkin aceitava a violência, mas a contragosto e somente porque a considerava inevitável na revolução e esta por sua vez inevitável na etapa do progresso humano. Bakunin em vários momentos teve dúvidas, mas combateu em barricadas e exaltou o caráter sanguinário da insurreição camponesa. Contrito, chegou a dizer que as revoluções cruéis são necessárias, única e exclusivamente por causa da estupidez humana; mas a crueldade seria sempre um mal, um mal monstruoso e um grande desastre.

Todos os anarquistas concordam que o homem possui, por natureza, todos os atributos necessários para viver em liberdade e concórdia social. Não acreditam que o homem seja bom por natureza, mas estão convencidos de que o seja por natureza social. A isto Proudhon dá o nome de "imamente senso humano de justiça". Kropotkin acha que uma sociedade livre seria uma sociedade natural. Godwin raciocina no sentido de que se o homem é por natureza capaz de viver em uma sociedade livre, é evidente que aqueles que tentarem impor leis serão os verdadeiros inimigos da sociedade. Neste caso, o anarquista, ao contrário do emérito destruidor, seria o regenerador que vai restabelecer o equilíbrio necessário à sociedade. Quem fala em equilíbrio não pensa em caos.

Vários anarquistas foram contra as idéias dos socialistas utópicos porque a sociedade utópica é concebida como perfeita, e tudo que é perfeito cessaria automaticamente de desenvolver-se. Kropotkin observou a impossibilidade de legislar para o futuro. Disse que a única coisa possível era precisar vagamente as tendências essenciais e desembaraçar o caminho para um melhor e mais rápido desenvolvimento.

O ódio visceral de todos os anarquistas é contra este leviatã da sociedade moderna, este organismo imenso e todo-poderoso, a síntese da autoridade e da centralização, a espada de Dâmocles que, pendida sobre a cabeça de cada cidadão, foi paulatinamen-

te conquistando o poder político, econômico e social: o Estado. Todos o fulminam com invectivas e adjetivos. Consideram-no seu inimigo. Bakunin enlaça o conceito de Estado com o de Deus e os proclama principais adversários da liberdade humana. Proudhon não cansa de repetir que o governo do homem pelo homem é a servidão e define dramaticamente o que é ser governado: "é ser guardado à vista, inspecionado, espionado, dirigido, legislado, regulamentado, parqueado, endoutrinado, predicado, controlado, calculado, apreciado, censurado, comandado, por seres que não têm nem o título, nem a ciência, nem a virtude (...). Ser governado é ser, a cada operação, a cada transação, a cada movimento, notado, registrado, recenseado, tarifado, selado, medido, cotado, avaliado, patenteado, licenciado, autorizado, rotulado, admoestado, impedido, reformado, reenviado, corrigido. É, sob o pretexto da utilidade pública e em nome do interesse geral, ser submetido à contribuição, utilizado, resgatado, explorado, monopolizado, extorquido, pressionado, mistificado, roubado; e depois, à menor resistência, à primeira palavra de queixa, reprimido, multado, vilipendiado, vexado, acossado, maltratado, espancado, desarmado, garroteado, aprisionado, fuzilado, metralhado, julgado, condenado, deportado, sacrificado, vendido, traído e, no máximo grau, jogado, ridicularizado, ultrajado, desonrado. Eis o governo, eis a sua justiça, eis a sua moral! (...) Oh! personalidade humana! Como foi possível deixares-te afun-

dar, durante sessenta séculos, nesta abjeção?" Proudhon esqueceu-se de acrescentar: torturado. Também pudera, esta atribuição o Estado sofisticou apenas neste século. Para Stirner, todo Estado é uma tirania. Para Bakunin, é uma abstração devoradora da vida popular, um imenso cemitério. Para Malatesta, o governo rouba, destrói e paralisa pelos seus métodos de ação.

E os anarquistas não fizeram mais, até hoje, do que combater o Estado, o governo, a autoridade. Certo, todos hão de convir, jamais se encontrará na história do anarquismo, se olhada desde o ponto de vista oficial, uma vitória duradoura. A observação de Susan Sontag, ensaísta norte-americana, acerca das revoluções nos países capitalistas do ocidente encaixa-se como uma luva para as revoluções que os libertários impulsionaram: parecem quase sempre ser expressamente planejadas para nunca triunfar. As comunidades falharam e continuam falhando, as barricadas não vingaram e o próprio internacionalismo nunca encontrou um organismo à altura das aspirações dos que o planejaram, a revolução espanhola de 1936 (quando a Confederação Nacional do Trabalho – CNT contava com nada menos do que 1 milhão de militantes anarco-sindicalistas) foi pisoteada e sufocada por Francisco Franco em 1939 com o apoio dos nazi-fascistas.

Anarquismo, *grosso modo*, talvez possa significar também comunidades federadas e autônomas. Por isto os anarquistas criticaram em primeiro lu-

gar a democracia burguesa que criou e garantiu a existência permanente de uma aristocracia governamental, nunca deixaram de denunciar o sufrágio universal, apesar de Proudhon ter sido eleito deputado à Assembléia Francesa em junho de 1848. Rejeitaram categoricamente a participação política e boicotaram as urnas. Afirmaram fundamentalmente, e aqui vai uma conceituação-chave para entendê-los, que a prioridade na luta de classes estaria no campo econômico e não rejeitaram a política mas sim a política burguesa. Profetizaram o fracasso do comunismo de Estado e denunciaram o autoritarismo presente em Marx quando o combateram dentro da sua organização, a I Internacional, e levaram a melhor.

Antológica a observação de Kropotkin, na Rússia, em outubro de 1917, quando os bolcheviques publicaram os primeiros decretos tornando oficial o que já era fato consumado, a expropriação das terras e das indústrias, criticando a usurpação pelo Estado do que já era conquista das massas trabalhadoras: "Eles estão sepultando a revolução". Pode-se argumentar que outra atitude não seria possível aos bolcheviques no momento. Mas tanto Kropotkin como os outros anarquistas foram até a morte contrários à tomada do poder, à tomada do Estado. Em carta a Lenin três anos depois, Kropotkin deixaria novamente transparecer seus receios pela sorte da revolução russa e temia que a palavra socialismo se transformasse num anátema por força

e obra do governo soviético.

Cada comunidade, cada indivíduo, para os anarquistas, deve determinar sua vida. As minorias têm todo o direito de discordar e fazer diferentemente, o homem precisa ser livre. Ingenuidade? Talvez. Não há como negar este componente em todas as formulações ácratas (acracia significa, em grego, *sem governo*; é sinônimo de anarquia).

Cada anarquista lutou a seu modo, agindo diretamente. Mais uma pedra de toque do anarquismo: a ação direta. Isto quer dizer simplesmente aceitar a responsabilidade com todas as conseqüências, sem delegá-la a um terceiro. Isto foi definido recentemente por um teórico simpatizante, Rudolf De Jong. A ação direta é um conceito de maturidade frente a um conceito de infantilismo, pelo qual o homem desiste de suas responsabilidades e as delega a outros, a seus representantes, abstando-se de fazer e pensar por sua conta e risco. Fazer o que tem de fazer ele mesmo, nunca como um indivíduo solitário, mas como um participante consciente em uma unidade social. Abaixo o Estado, os deputados, os prefeitos, o partido, a autoridade. Ação em casa, na fábrica, no escritório, na terra, no amor, na vida. Em suma: não delegar responsabilidades, autogerir-se a partir de certas organizações que estão dadas.

Desde os primeiros tempos da Internacional dos Trabalhadores os anarquistas afirmam que todos já estão organizados desde cima pelos senhores, pelos

capitalistas, pelo Estado, pelos burocratas, enfim. Os homens, os trabalhadores estão unidos e reunidos na empresa, nos bairros, no trabalho. A luta proposta é no sentido de que o trabalhador subverta esta relação organizando ele mesmo a sua vida, as suas ocupações, a sua organização dentro de sua empresa e de sua comunidade.

Na comunidade ou fora dela alguém só pode ser livre se os outros também o forem, ensinou Bakunin num momento caloroso de seu histórico debate dentro do movimento internacional dos trabalhadores. Convidados a participar da Associação Internacional dos Trabalhadores, os membros da Liga da Paz e da Liberdade, da qual Bakunin foi parte ativa e influente, realizaram um congresso em Berna, na Suíça, no ano de 1868. Ocasão muito propícia para Bakunin definir-se politicamente frente a Karl Marx — uma das figuras mais notórias da Internacional. Seu discurso foi particularmente interessante: “Detesto a comunhão, porque é a negação da liberdade e porque não concebo a humanidade sem liberdade. Não sou comunista, porque o comunismo concentra e engole, em benefício do Estado, todas as forças da sociedade; porque conduz inevitavelmente à concentração da propriedade nas mãos do Estado, enquanto eu proponho a abolição do Estado, a extinção definitiva do princípio mesmo da autoridade e tutela, próprios do Estado, o qual, com o pretexto de moralizar e civilizar os homens, conseguiu até agora somente escravizá-los, perse-

gui-los e corrompê-los. Quero que a sociedade e a propriedade coletiva ou social estejam organizadas de baixo para cima por meio da livre associação e não de cima para baixo mediante a autoridade, seja de que classe for. Proponho a abolição do Estado, proponho ao mesmo tempo a abolição da propriedade pessoal recebida em herança, a qual não é senão uma instituição do Estado, uma consequência direta dos princípios do Estado. Eis aí senhores por que eu sou coletivista e não comunista”.

Logo depois, dentro da Internacional, seguiu-se uma violenta disputa entre os bakuninistas e os autoritários (este era o apelido dos partidários de Marx), tendo como fulcro esta questão da herança. Marx, apesar de ter teorizado brilhantemente sobre o capitalismo e detectar-lhe a mais-valia produtora do lucro, a exploração desenfreada e até a perpetuação do modelo através da sucessão e ter deixado todo um compacto corpo doutrinário, um tijolo de erudição, foi contra Bakunin na questão da herança. Mas isto é outra história, uma velha rixa na qual Marx lançou mão de mecanismos pouco recomendáveis contra seus adversários, principalmente Bakunin, como se verá adiante.

Os fundamentos do coletivismo bakuniniano estão neste discurso. A revolução seria feita pela ação espontânea e contínua das massas. Os coletivistas eram favoráveis às vastas organizações operárias que seriam guiadas por elites de anarquistas convictos, a vanguarda consciente, não o chefe do povo, ape-

nas a parteira que auxiliaria a autolibertação. Sob o coletivismo anarquista cada membro das cooperativas operárias estaria obrigado a realizar um trabalho manual e receberia uma retribuição proporcional a sua contribuição direta ao trabalho. Poderia desenvolver qualquer atividade intelectual. Trocando em miúdos, o critério da distribuição basear-se-ia no trabalho e não na necessidade. O Estado seria substituído por uma federação livre de associações autônomas que desfrutariam de liberdade de separação e garantiriam uma total liberdade pessoal.

Anteriormente a Bakunin desenvolveu-se na França e por inspiração direta dos últimos escritos de Proudhon o Mutualismo. Foi a doutrina que deu o tom nos primeiros tempos da Internacional e era confundida facilmente com aquilo que nossas avós chamam de reformismo. Ao contrário da maioria dos grupos anarquistas, os mutualistas não se abstinham de votar nos pleitos eleitorais. Seus líderes mais notáveis foram Henry Tolain e Charles Limousin. Tiveram muita influência nas organizações de orientação cooperativa e o movimento era de caráter não-político. Seu principal órgão de idéias foi o *La Tribune Ouvrière* fechado em 1865. Eram conhecidos pelo seu ferrenho anticlericalismo e contrários a qualquer atividade clandestina (esta muito ao gosto de Bakunin, que fundou várias organizações tão secretas que de muitas nem seus discípulos mais fiéis ouviram falar). Atuaram nas associações operárias e propuseram um banco

comum de crédito gratuito. Após a segunda metade do século perderam sua força para os coletivistas e posteriormente para o comunismo-anárquico e anarco-sindicalismo.

O comunismo-anárquico é de inspiração kropotkiniana. Na Espanha os anarco-comunistas sustentaram durante anos a necessidade de organização de grupos formados somente de propagandistas ativos da causa libertária. Kropotkin considerava o comunismo-anárquico como uma verdadeira antítese do sistema de salários em todos os seus aspectos. Nenhum centro de poder poderia obrigar ninguém a trabalhar. Substituiu o princípio da remuneração salarial pelo princípio das necessidades: cada pessoa seria o juiz de suas próprias exigências, tomando dos armazéns comuns tudo que considerasse necessário, contribuindo ou não com sua parte no trabalho. Este que foi considerado o generoso otimismo de Kropotkin levou-o a estabelecer que, uma vez eliminados o poder político e a exploração econômica, todos os homens trabalhariam voluntariamente, sem nenhum tipo de obrigação e não pegariam dos armazéns comunais nada mais do que o necessário para uma existência confortável.

O anarquismo individualista tem suas bases nos escritos de Max Stirner (considerado por Nietzsche um dos espíritos mais férteis de seu tempo), para quem o ideal é o egoísta: o homem que se realiza a si mesmo em conflito com a coletividade e com os outros indivíduos, que não foge do uso de ne-

nhum meio na luta de qualquer um contra todos, que desapiedadamente avalia qualquer coisa do ponto de vista do seu bem e que, tendo proclamado a sua soberania, pode formar com outros indivíduos que pensam como ele uma "união de egoístas", sem normas nem regras, para providenciar as questões de interesse comum. Max Stirner publicou *O único e sua propriedade* em 1843. Seus herdeiros políticos (muitos historiadores acrescentam ao individualismo anarquista a influência de Sergei Nechaev, como se verá no próximo capítulo) procuraram destruir totalmente os valores aceitos pela sociedade burguesa: políticos, morais e culturais. Exigiam a libertação total da pessoa humana dos elos da sociedade organizada. Baseavam-se na convicção de que a liberação, antes de ser coletiva e material, tinha de ser individual e mental. Esta purificação, como observa De Jong, pode-se buscar atualmente por meios pacíficos (o vegetarianismo, o esperanto, o naturalismo, o espiritismo, a ioga, as tendências orientalistas) ou por meios violentos, como no final do século passado: atentados e sacrifícios pessoais, a prova definitiva da pureza revolucionária ou de desespero. Quanto ao terror moderno, não se pode dizer que seja de inspiração anarquista ou que tenha traços stirnerianos. As Brigadas Vermelhas ou Baader-Meinhof, por exemplo, fundam-se num modelo militarista e centralizado e apesar da semelhança com os atentados praticados ao grito de *Viva a Anarquia!* do século passado e começo

deste não há nada que possa afirmar categoricamente sua vinculação explícita com os ideais libertários defendidos pelos anarquistas.

Neste século, enquanto o anarquismo individualista conformou-se com uma radical crítica teórica da sociedade burguesa ou levou à ação individual (tanto a terrorista do início de 1900 quanto a intimista), os outros anarquismos, comunitários, coletivistas, comunistas etc., desembocaram no anarco-sindicalismo, a expressão mais forte e massiva que encontrou o anarquismo em geral.

Para os anarco-sindicalistas a greve geral seria o supremo instrumento estratégico revolucionário. Concebiam a sociedade formada de produtores de um lado e parasitas do outro. O sindicato unia estes produtores com uma única finalidade: a luta. O anarco-sindicalismo apareceu depois da organização, na França, dos *syndicats*, a versão francesa do trade-unionismo inglês.

Imbuídos do fervor anarquista a maioria dos sindicatos franceses tomou, no final do século passado e no começo deste, posições hostis frente ao Estado e foi contrária à tomada do poder político. Inclinou-se para uma revolução social que destruiria o sistema capitalista e inauguraria uma sociedade sem Estado, cuja economia seria dirigida por uma confederação geral de sindicatos.

Posteriormente, na Espanha, o anarco-sindicalismo desenvolveu-se e criou a CNT, a maior organização anarquista que o mundo já conheceu.

No começo do século, com a constante imigração para a América, o anarquismo chegaria robusto na Argentina, no México, nos Estados Unidos e até no Brasil, através principalmente dos italianos e espanhóis. Malatesta e Buenaventura Durruti, para citar somente um italiano e um espanhol, estiveram na América do Sul e criaram várias organizações ácratas. No Brasil é famosa sobretudo a greve geral de 1917, organizada e comandada pelos militantes anárquicos aqui radicados, muitos dos quais depois perseguidos pela repressão do Estado e pelo stalinismo, que literalmente tentou arrasar com o anarquismo em todo o planeta – tendo-o logrado completamente na URSS.

Numa conversa entre Lenin e Kropotkin percebe-se facilmente a dureza de um e a fragilidade de outro, sintetizando-se assim uma briga de quase cinquenta anos entre os autoritários e os libertários que combateram juntos pela mesma causa: o socialismo. Logo após a revolução de outubro, um amigo comum promoveu um encontro entre Lenin e o já velho Kropotkin. Este chamou a atenção do líder bolchevique para a proibição das cooperativas. O caso concreto era a perseguição de alguns cooperados em Dimitrov, uma pequena cidade russa, pelos bolcheviques. Lenin concordou que havia cometido e cometeria muitos erros, mas disse também que a revolução não poderia ser feita de outra maneira e não iria permitir estas cooperativas, perguntando a Kropotkin se ele acreditava

realmente que o mundo capitalista iria capitular frente ao movimento cooperativista. Levantando-se energicamente da cadeira, seus olhos flamejaram ao sentenciar categoricamente que estas pequenas cooperativas, esses "grupinhos de trabalhadores sem poder algum" acabariam esmagados e transformados sem piedade em servidores do capital. O velho Kropotkin não retrucou e acreditou na boa vontade de Vladimir Ilich. Este o elogiou e falou da necessidade de publicar os três volumes da obra de Kropotkin sobre a Revolução Francesa. Kropotkin concordou mas, altivamente, disse que não concordaria com uma edição estatal. Lenin sorriu e mudou de assunto.

Uma das últimas manifestações de massa que os anarquistas russos conseguiram realizar depois da revolução foi durante o enterro de Kropotkin. Desapareceram todos depois, alguns assassinados nas prisões bolcheviques, outros doentes e desamparados. Poucos conseguiram sobreviver no exílio, longe da primeira pátria do socialismo.

Não se pode negar que ao combater o autoritarismo e todas as formas de poder os anarquistas tocaram o cerne do problema da modernidade. A ingenuidade das teorizações e a fraqueza da doutrina que nunca se apresentou como um corpo sistemático completo e acabado é da gênese do próprio anarquismo. O Estado, a autoridade que se sobrepõe ao indivíduo e o transforma num verme, num réptil submisso, cresceu e tomou forma tanto

no capitalismo como no próprio socialismo.

Pode-se argumentar, concordando com um importante jornalista brasileiro, que sem a URSS o mundo hoje talvez estivesse muito pior. Outro jornalista, também brasileiro, Paulo Francis, definiu isto numa imagem particularmente feliz: a União Soviética é um breque a que os EUA convertam o mundo numa gigantesca Cingapura ou implantem um Pinochet em cada língua ou nação.

Mas deve-se argumentar também que sem os anarquistas singelos e aventureiros Marx não teria preconizado o fim do Estado após a ditadura do proletariado e a abolição das classes sociais. O Estado ainda não foi abolido em parte alguma, as classes sociais, na URSS, "acabaram" por um decreto de Stalin, mas a autoridade continua.

E o anarquismo, esta paradoxal mescla de positivismo com idealismo, não conseguiu jamais formar um organismo aglutinador e impulsionador de seus objetivos; apesar de seus esforços não logrou sequer abalar as estruturas do sólido Estado moderno. Eis seu fracasso e seu fascínio.



OS INGOVERNÁVEIS

Em 20 de novembro de 1977 matou-se aos 63 anos Luis Mercier Vega, ou Santiago Parene, ou Charles Ridel. Dedicou toda sua existência à pesquisa histórica do anarquismo, o qual, para ele, surgia da vontade de conhecer-se e conhecer a sociedade em que se vive para, com os outros, chegar a ser dono de seu próprio destino; para que a sociedade seja uma comunidade livre e fraterna de seres livres. Dizia que o anarquismo não é uma repetição, uma autojustificação, uma ideologia, mas uma pergunta, uma inquietação, uma curiosidade. Que o anarquismo não são as querelas de grupos e organizações em torno da verdade ou da linha correta, mas uma atenção permanente aos problemas sociais, às manifestações de rebeldia, aos mecanismos de poder e às resistências aos mesmos.

Num de seus últimos artigos citou uma frase de Emile Henry: “Uma vontade que chega até ao suicídio pode engendrar afetos definitivos e sem esperança”. Morreu de lucidez, disseram os amigos.

Boa parte da produção dos teóricos e militantes anarquistas revelam esta atenção permanente aos problemas sociais, uma desconsolada e paradoxal desesperança, uma busca incessante de mecanismos de resistência ao poder em todos os seus matizes.

Não seria arriscado concordar com George Woodcock quando afirma a procura que os anarquistas empreenderam de um equilíbrio entre a necessidade de uma geral solidariedade humana e os direitos do indivíduo livre. Os fundamentos desta busca podem ser encontrados no que alguns pensadores ligados — uns diretamente, outros fraternalmente — ao movimento anarquista deixaram escrito ou fizeram na prática.

William Godwin (1756 — 1836) nunca se definiu como um anarquista, mas sem dúvida exerceu notável influência entre os militantes ácratas do século XIX. Proudhon e Bakunin pouco ouviram falar dele, mas Kropotkin leu a sua obra mais conhecida. Godwin via a sociedade como um fenômeno que se desenvolve naturalmente. Filiou-se à tradição iluminista quando deu à educação a função de verdadeira chave da liberdade. Repeliu de fato todo sistema social dependente de um governo. Formulou uma sociedade simplificada e descentralizada, com um mínimo decrescente de autoridade. Negou a va-

lidade de todos os governos e afirmou que o homem moral não teria nada a repartir com o Estado. No ápice de seus projetos sociais esboçou uma rede de paróquias independentes (comunidades) sem ninguém a governá-las, como estrutura ideal de base para uma sociedade libertária.

Sobre sua cabeça, infelizmente, pairou o Estado inglês. Godwin teorizou sobre ele e recomendou que o aceitassem como um mal necessário... na medida mínima indispensável e observassem atentamente que, em consequência da gradual iluminação da mente humana, aquele mínimo poderia ser futuramente reduzido. Os historiadores dão-no como um filósofo político, um intérprete fiel dos enciclopedistas franceses e autor da primeira e mais completa exposição dos princípios anarquistas em *Political justice*. Permaneceu desconhecido fora da Inglaterra pelo menos até que Stirner desenvolvesse suas idéias.

Max Stirner (1806 – 1856) era alemão; seu verdadeiro nome foi Johann Caspar Schmidt. Recebeu dos historiadores o epíteto de "O Egoísta". Muitos aspectos de sua obra ainda continuam obscuros e carecem de um estudo mais profundo e sistemático. Escreveu entre 1840 e 1850 o livro que deu as bases ao individualismo anarquista do século XIX. Negou todo o absoluto e todas as instituições baseando-se unicamente na incondicional soberania do indivíduo humano. Negou todas as leis naturais e uma humanidade comum.

Se para Godwin o princípio supremo era a Razão, para Stirner era a Vontade e os Instintos. Foi radicalmente contra a realidade dos conceitos abstratos e generalizantes como Homem e Humanidade. Para ele o indivíduo humano era a única coisa de que se podia ter um conhecimento seguro e cada indivíduo era único. Aconselhou cada pessoa que cultivasse essa singularidade, sua unicidade. O eu seria a única lei. Não existiriam direitos, somente o eu em luta contra o resto da humanidade do mundo. A única regra de conduta para o indivíduo realizar-se a si mesmo seria sua necessidade, seus desejos.

A liberdade para Stirner esteve em segundo plano em respeito à singularidade e originalidade do indivíduo. Escreveu em *O único e a sua propriedade*: "Ser livre é uma coisa que não posso verdadeiramente querer, porque a liberdade não posso fazê-la, não posso criá-la; posso somente desejá-la, aspirar a esta que permanece um ideal, um fantasma. A cada momento a realidade escava sulcos profundos na minha carne. Mas eu permaneço".

Propôs formalmente a destruição da sociedade humana para transformá-la numa propriedade e formar em seu lugar uma União dos Egoístas. Sem Estado de qualquer espécie, claro, pois este seria a negação da vontade individual. Não concebeu este mundo da nova ordem egoísta como o reino da rapinagem universal e do perpétuo massacre. Nunca. O indivíduo não deveria, em hipótese

nenhuma, exercitar seu poder sobre o outro. Além disso, como único, ninguém teria nada em comum com o outro. Partidos não existiriam. Cada indivíduo teria liberdade para unir-se a alguém e livremente separar-se.

Detalhes sobre a forma de organização social dos egoístas Stirner não deixou. Mas afirmou que este tal mundo não poderia realizar-se sem luta. Enquanto existisse o Estado, o egoísta deveria combatê-lo com tudo o que tivesse à mão, com todos os meios disponíveis.

Para os historiadores Stirner antecipa a idéia da insurreição espontânea das massas, desenvolvida depois pelos anarquistas. Como Albert Camus ele negou a revolução e exaltou a rebelião. Foi um sucesso escandaloso. Influenciou militantes políticos, escritores e artistas. O século XIX, sem dúvida, seria outro sem ele.

Pierre-Joseph Proudhon (1809 — 1865) é mais conhecido hoje pelo que Marx disse dele do que realmente pelo que escreveu e fez. Qualquer militante liberal ou de esquerda com certeza leu ou tem na estante *A miséria da filosofia* mas não leu nem tem na estante o *Sistema das contradições econômicas ou Filosofia da Miséria* de Proudhon. Este mesmo militante jamais imaginou que o ataque que Marx dirigiu a Proudhon tivesse sido extremamente pessoal e carecesse de uma fundamentação filosófica maior (o que sem dúvida Marx poderia ter feito, pois sobravam-lhe méritos, conhecimento e talento

para isto).

Os dois foram o que se pode chamar de conhecidos cuja amizade terminou em 1847 com a publicação da *Miséria* de Marx. Proudhon sequer se abalou com as críticas, escrevendo nas páginas do seu exemplar que na verdade Marx estava enciumado.

Mas isto não vem ao caso e sim o que aprontou aquele tipógrafo francês de origem plebéia que em fevereiro de 1848 lançou o primeiro jornal anarquista de publicação periódica regular, o *Le Représentant du Peuple*.

Stirner tornou-se conhecido como o individualista egoísta. Proudhon também foi um individualista mas seus comentadores taxam-no de individualista social. Homem dos paradoxos, também é conhecido como um aficionado do pensamento antinômico. Ao mesmo tempo em que definiu o povo como um ser coletivo, infalível e divino, execrou-o como plebe ignorante. Stirner considerou o indivíduo *Tudo* e a sociedade sua inimiga.

Para Proudhon o indivíduo seria justamente o ponto de partida e a meta última dos esforços humanos. A sociedade representaria a matriz na qual a personalidade de cada homem deveria encontrar a sua função e realização. O homem não poderia viver só, na natureza nenhum ser era isolado. Novamente — e isto parece ser uma obsessão entre os anarquistas — Proudhon viu a liberdade individual profundamente radicada no processo natural de desenvolvimento da sociedade humana.

Odiou o Estado e as fronteiras ao mesmo tempo em que professou convicções nacionalistas e um regionalismo apaixonado.

A justiça obsedou-lhe a mente, foi seu tema predileto e ao qual se entregou arduamente. O igualitarismo — a teoria de que o acúmulo da propriedade é um mal — e o senso de uma justiça natural e imanente são elementos essenciais no pensamento proudhoniano.

Não foi sem razão que uma frase sua tornou-se slogan dos libertários do mundo inteiro: “A propriedade é um furto”. Esta, a propriedade, não passaria da soma do abuso do roubo. Incompatível com a justiça pois determinaria a exclusão da maioria dos produtores a uma justa parte do produto do trabalho comum.

Para o libertário francês o comunismo negava a independência. A propriedade destruía a igualdade. Somente na anarquia ou liberdade os indivíduos poderiam encontrar uma síntese que eliminaria a deficiência de todos os outros sistemas sociais. Proudhon esboçou uma sociedade onde poderiam florescer juntos a igualdade, a justiça, a independência e o reconhecimento dos méritos individuais em um mundo de produtores unidos por um sistema de livres contatos. Foi o chamado Mutualismo desenvolvido e propagado pelos seus discípulos.

Seu primeiro livro *O que é a propriedade?*, publicado em 1840, trouxe embrionariamente todos os elementos das sucessivas doutrinas libertárias. Prou-

dhon acabara de sair da pequena Besançon para a industrializada Lyon, o que ampliou sua visão dos problemas de seu tempo. Mas não foi ali, ainda, que previu a revolução violenta. Teorizou acerca da transformação social mediante uma ação econômica ou industrial em contrapartida à idéia marxista de ação política. Deus também seria um mal, esgrimiu Proudhon.

Na convidativa Paris de 1848 foi às barricadas, participou do assalto a Tuelleries, entregando-se de coração à insurreição — sonho, combate, festa e decepção de tantos revolucionários.

Após seu fracasso disse ter sido uma revolução sem idéia, pois a vitória viria mais da debilidade da monarquia que da força da revolução.

Em junho de 1848 com o apoio de 37 mil eleitores (o poeta Charles Baudelaire foi um deles), Proudhon elegeu-se à Assembléia Constituinte francesa. Usou a tribuna para denunciar a propriedade. Cavaignac fechou seu jornal, Proudhon fundou outro, o *Le Peuple*. Atacou Luis Bonaparte, foi julgado e condenado; fugiu e no regresso a Paris ficou preso durante 3 anos, amargados na úmida Conciergerie de onde Maria Antonieta saíra para a guilhotina. Livre da cadeia foi ajudado por um exilado russo, importante por suas idéias progressistas, amigo de Bakunin e de quase todos os revolucionários do século passado, Alexandr Herzen. Proudhon publicou ainda dois jornais: *La voix du Peuple* e *Le Peuple*.

Em seu livro *L'idée générale de la révolution* pode-se encontrar algumas de suas idéias centrais.

Um dos pontos mais importantes nesse livro é o fato de o remédio aos males sociais não estar no nível político. As origens desses males estariam na raiz econômica da sociedade. Nem seus herdeiros mais chegados se convenceram depois de que a solução poderia ser tão simples; um mero acordo contratual como sugeriu Proudhon num de seus momentos mais otimistas. Publicou ainda vários escritos. Em seu último livro *De la capacité politique des classes ouvrières* afirmou que o proletariado deveria emancipar-se por si só, celebrando assim o advento dos trabalhadores como classe independente no campo da política.

Morreu em 1865, doente, sem ter visto a I Internacional. Woodcock vê nele uma ponte entre o idealismo de Godwin e o empenho social de Bakunin e seus sucessores.

Foi o teórico emergente de uma sociedade industrial que brotava e se tornava mais e mais receptiva nos confrontos de uma doutrina que parecia oferecer uma saída ao frustrado impasse das democracias políticas. Suas idéias deram os contornos e embasaram todo um vasto setor revolucionário da classe operária. Seguramente, não foi Proudhon o fundador do movimento anarquista; esta honra coube a Bakunin, mas junto com Godwin pode ser considerado fundador da anarquia. No que escreveu estiveram presentes os mais relevantes elementos

que caracterizariam as visões dos anarquistas e depois dos sindicalistas: a descentralização, o federalismo e o controle direto da produção por parte dos trabalhadores, a famosa autogestão.

Quanto ao caos, "*L'anarchie c'est l'ordre*" — sentenciou Proudhon. Para ele não havia contradição entre a ordem e o anarquismo.

Michail Alexandrovich Bakunin (1814 — 1876) era filho de aristocratas russos. Nasceu na pequena chácara Premugino — na província russa de Tver — de propriedade de seu pai, um liberal conservador, de família enorme e influente. Abandonou a Rússia em 1839 para dedicar-se a uma vida repleta de peripécias que o fariam dar a volta ao mundo participando de quase todas as barricadas que os insurrectos do século XIX levantaram, fundando organizações clandestinas, impulsionando movimentos massivos, elaborando códigos secretos, polemizando com Marx e explorando os amigos, dos quais dependeu da ajuda financeira durante toda sua vida.

De figura enorme e impressionante, andava nas ruas acompanhado de um séquito formado pelos amigos e crianças embasbacadas pelos seus 120 quilos e enorme cabeleira. Discursava arrebatando os auditórios, persuadia até os inimigos que se deixassem ouvi-lo, lia durante noites inteiras e bebia licor como se fosse vinho. Os detratores, amigos e estudiosos de sua vida são unânimes em considerarem-no inteligente, culto, ingênuo, espontâneo, impotente sexual, eloqüente, generoso, astuto, ar-

rogante, leal, imprudente. Foi revolucionário, conspirador, organizador e propagandista de sua causa.

Nunca teve uma idéia original; falhou como escritor pois jamais deixou um livro pronto. Foi sobretudo um homem de ação. Impossível isolar suas idéias e separá-las de suas ações que inauguraram um estilo e marcaram o advento do anarquismo nos combates sociais pela destruição da autoridade e pela instauração de uma outra sociedade que Bakunin, conscientemente, sequer esboçou, pois seria parte e criação das massas.

Suas peripécias começaram cedo. Aos dezesseis anos fingiu uma doença para abandonar o exército russo, obrigatório para todos os jovens. Foi para Moscou estudar e fazer amizades com todo o círculo literário da época; ficou fascinado pela filosofia alemã e decidiu a estudá-la *in loco*, inicialmente Fichte e depois Hegel. Saiu da Rússia com a ajuda do amigo Alexandr Herzen. Em Berlim, inquieto, passava das leituras de um filósofo para outro. Aos poucos foi perdendo seu anterior ortodoxismo hegeliano.

Em 1841 foi para Dresden. Conheceu Arnold Ruge, um proudhoniano, crítico feroz de Hegel, a quem os historiadores atribuem o início da conversão de Bakunin ao anarquismo. Esta foi celebrada publicamente nas páginas do jornal de Ruge, o *Deutsche Jahrbücher*, onde, sob o pseudônimo de Jules Elysard, Bakunin produziu o seu primeiro e sem

dúvida importante ensaio: *A reação na Alemanha*. Nele estigmatizaria uma de suas máximas mais conhecidas: "o impulso destrutivo também é um impulso criador". Mas ainda não se apresenta todo o seu vigor anárquico, embora já se declarasse em perpétua revolta.

Aos 26 anos foi para Paris, conhecendo pessoalmente Proudhon e tendo a oportunidade de discutir com alguém que seria muito importante na sua vida de incorrigível insurrecto: Karl Marx. Sete anos depois conseguiu ser expulso da França por causa de um discurso em que oferecia ajuda e conclamava os poloneses a derrubar seu governo czarista. Voltou em fevereiro de 1848 e foram as revoluções deste ano que fizeram crescer sua fama em toda a Europa.

Em abril foi detido em Berlim, de passagem rumo às conspirações na Polônia. Escreveu artigos breves e ensaios nesta época. Nos *Fundamentos de uma política eslava* (Bakunin foi partidário desde sempre do pan-eslavismo, a união de todos os povos eslavos) propôs claramente a destruição do que considerava a decadente ordem social impotente e estéril: "o problema social — escreveu — há de resolver-se mediante o aniquilamento da sociedade atual". Numa carta a um amigo atacou toda a instituição republicana: "os dias dos parlamentares e das assembléias nacionais se extinguíram. Quem quer que coloque cruamente a questão deverá confessar que não encontrou utilidade nenhuma nestas

fórmulas anacrônicas (...). Não creio na constituição nem nas leis, a mais perfeita constituição não conseguiria satisfazer-me. Necessitamos algo diferente: inspiração, vida, um mundo sem leis e, portanto, livre”.

Acreditou na perfeição das instituições humanas e na bondade natural do homem. Estas virtudes, entretanto, estavam corrompidas e somente o ato inicial da revolução violenta as libertariam. Considerava o campesinato russo a encarnação dessas virtudes e dava-lhe o papel virtuoso de deflagrador e carro-chefe do movimento pela redenção da Europa. Muito perto das convicções proudhonianas, mais tarde definiria seu socialismo desejando que novamente se proclamassem os princípios da revolução francesa, onde cada homem teria os meios materiais e morais para desenvolver toda sua humanidade. Princípios traduzidos da seguinte maneira: que se organizasse a sociedade de modo tal que cada indivíduo, homem ou mulher (como Louise Michel e Emma Goldman, precursoras das reivindicações que hoje se chamam de feministas, Bakunin também se preocupava com as mulheres por quem nutria um profundo respeito), encontrasse ao nascer possibilidades iguais para o desenvolvimento das suas diferentes faculdades manuais ou mentais para sua melhor utilização no trabalho; organizando uma sociedade que tornasse impossível a exploração de um pelo outro, permitindo que cada um participasse da riqueza desta sociedade somente na medida em que

com seu trabalho tivesse contribuído para produzi-la.

Como foi dito no primeiro capítulo, mais tarde Kropotkin discordou do mestre Bakunin, modelando o socialismo anarquista diferentemente; resumidamente assim: “de cada um segundo suas possibilidades, a cada um segundo os seus desejos”.

Livre da prisão em Berlim com a promessa de não ir para a Polônia, Bakunin encontrou-se por acaso em Dresden na primavera de 1848. O clima estava tenso, a população se insurgia em apoio à Constituição por uma Alemanha democrática e confederada rejeitando a autoridade do rei. Bakunin, como se sabe, não tinha simpatia alguma por estas reivindicações que ele chamaria desdenhosamente de democrático-burguesas ultrapassadas. Mas a convite do amigo Richard Wagner visitou o quartel-general dos rebeldes e não resistiu à tentação de entrar na luta: o cheiro dos combates e das barricadas virava-lhe a enorme e cabeluda cabeça. Combateu e organizou, viu-se repentinamente metido no seio da violenta revolta em Dresden.

Foi preso e condenado à morte pela primeira vez. Teve sua pena comutada, entregue aos austríacos sequiosos pela sua cabeça por ter predicado a destruição do império austríaco num congresso pan-eslavista em Praga. Foi novamente condenado à morte. Afortunadamente, os austríacos preferiram entregá-lo aos russos que insistiram em castigá-lo enquanto cidadão russo.

Passou seis anos confinado na Fortaleza de S. Pedro e Paulo em Petrogrado. Adoeceu, contraiu escorbuto, perdeu todos os dentes, inchou desmesuradamente. Aproveitou a estadia para escrever a famosa *Confissão ao Czar*, onde contava minuciosamente sua carreira de revolucionário e pedia perdão. Esta confissão foi encontrada depois da revolução russa na devassa aos arquivos czaristas o que fez a delícia de seus inimigos e desconcertou seus admiradores.

Após várias gestões de sua família, exilaram-no na Sibéria. Ali casou-se com Antonia e trabalhou como caixeiro viajante. Mas não, Bakunin não havia "regenerado": o trabalho não passou de um artifício para fugir espetacularmente da Sibéria via Japão e Estados Unidos indo parar em Londres, contentíssimo, à procura de seu velho amigo Herzen. Sua escapada, devido às ajudas e facilidades que encontrou, serviu de pretexto para seus inimigos, Marx inclusive, denunciarem-no como agente do Czar. Os amigos saíram em seu favor, valendo muito um artigo de George Sand defendendo-o. Mas entre os exilados e revolucionários russos seu prestígio sempre foi enorme. Escreveu regularmente no órgão oficial de oposição dos exilados russos, *The Bell*, distribuído na Rússia e editado na Inglaterra, sob o comando de Herzen e N. Ogarev; mas logo depois divergiu destes e foi embora da Inglaterra.

Nada havia mudado em seu modo de pensar. Continuava fervorosamente a favor da libertação

dos poloneses e pela federação dos eslavos cujo coroamento e condição estaria na revolução social. Após mais uma tentativa frustrada de participação na insurreição polonesa, Bakunin resolveu mudar de ares e escolheu a bela Florença, na Itália, para morar e sediar suas ações, durante 1864, o primeiro ano da Associação Internacional dos Trabalhadores. Mas não foi em Florença que Bakunin encontrou seus primeiros discípulos, foi em Nápoles, ao sul da Itália: Giuseppe Fanelli, Saverio Friscia e Alberto Tucci.

Na Itália seu ímpeto destrutivo iria influenciar decisivamente a política italiana. Bakunin chegou quando um dos grandes precursores da unidade italiana, Giuseppe Mazzini, começou a perder sua ascendência sobre os jovens. As características do país — não ter aristocracia operária, possuir um campesinato numeroso — eram as condições ideais para desenvolver suas idéias de revolução social (ao contrário de Marx que achava possível a revolução somente nos países industrializados). Recrutou seguidores em meio aos proudhonianos que achavam viável a cooperação entre artesãos e camponeses.

Em Nápoles fundou oficialmente a primeira das suas incríveis sociedades secretas: a Fraternidade Internacional. Seu programa combatia qualquer tipo de autoridade, o Estado e a religião. Propugnava pelo federalismo e autonomia comunal, aceitava o socialismo e afirmava que a revolução social não poderia fiar-se nos meios pacíficos. A estrutura so-

bre a qual se montou a sua Fraternidade parecia fazer piada às mais legítimas aspirações libertárias: rígida hierarquia e uma férrea disciplina interna. No seu topo estaria a "família internacional", uma aristocracia de militantes com passado glorioso que teria o mérito de formular os planos estratégicos da revolução. Na base estaria a "família nacional" cujos membros prestariam um juramento de incondicional obediência à "junta nacional". Não existem indícios de participação massiva nesta sua primeira organização, apesar de Bakunin, por várias vezes, ter afirmado o contrário.

Em 1867 Bakunin mudou-se para a Suíça, onde exerceu considerável influência entre os relojoeiros, artesãos da região montanhosa do Jura, perto da fronteira da França. Ali aumentou também sua fé no potencial revolucionário da Rússia, Itália e Espanha, o que o animou a montar na Suíça um verdadeiro centro de encontros, conjuras, intrigas e projetos conspirativos.

Participou em Genebra do congresso da Liga da Paz e da Liberdade, organização onde Giuseppe Garibaldi teve muita influência. Mas era uma organização liberal demais para o temperamento de Bakunin, e dela não tardou a demitir-se para somar seus esforços à Associação Internacional dos Trabalhadores, na qual teve participação decisiva como se verá no próximo capítulo. Por ora é bom que se saiba que fundou também a sua Aliança Internacional da Democracia Socialista com o objetivo de com ela

atuar exatamente dentro da I Internacional, mas seria guiada, sem dúvida, pela Fraternidade Internacional.

No programa da Aliança bakuninista, entre outras coisas, constava o desejo de total e definitiva abolição das classes sociais; a proposta de igualdade política, econômica e social para os dois sexos. Para isto propunha como tática primeira a abolição da herança. A aliança foi controlada de um escritório central em Genebra, residência de Bakunin, e teve vida própria, fundando seções em Barcelona, Madrid, Lyon, Marselha, Nápoles e na Sicília. Por esta época, Bakunin viveu um episódio que marcou profundamente sua vida e foi tema de controvérsia para os historiadores e teóricos do anarquismo.

Na primavera de 1869 desembarcou em Genebra Sergei Nechaev, estudante da Universidade de Moscou. Procurou Bakunin e contou-lhe como heroicamente havia escapado da Fortaleza de S. Pedro e Paulo. O que em parte era mentira, pois Nechaev tinha sido apenas perseguido pela polícia por causa de suas atividades políticas na universidade. O jovem acrescentou sua condição de delegado de um comitê revolucionário que controlava uma rede de organizações clandestinas em toda a Rússia. Bakunin acreditou piamente na conversa do rapaz mas não deixou por menos. Imediatamente matriculou Nechaev agente da seção russa de uma tal Aliança Revolucionária Mundial e deu-lhe um papel com sua assinatura onde Nechaev vinha inscrito sob o número 2.771.

Jamais, nem antes nem depois deste caso, ouviu-se falar em semelhante organização.

O episódio Nechaev não teria maior repercussão não fossem as características do moço: fanatismo niilista, uma total falta de compaixão e calor humano, uma amoralidade calculada, uma visão do homem e da mulher apenas como instrumentos para a causa revolucionária e inúmeras justificativas para o assassinato, o furto e a chantagem que ele mesmo praticava. Vários especialistas em história do anarquismo — James Joll, George Woodcock e mesmo o competente biógrafo de Bakunin, E. Carr — comentam a “influência maléfica” de Nechaev sobre a personalidade de Bakunin. Woodcock insinua um latente fascínio homossexual escudado na conhecida impotência sexual de Bakunin.

Os dois, Bakunin e Nechaev, escreveram vários opúsculos, ou melhor, Nechaev escreveu e assinou também com o prestigioso nome de Bakunin. Entre os escritos que levam as duas assinaturas estão o *Catecismo do Revolucionário* e *Princípios da revolução*. Neles podem-se encontrar coisas como “não reconhecemos outra atividade que a ação de extermínio, admitimos que esta atividade pode manifestar-se de muitas formas: o veneno, o punhal, a corda etc. Numa contenda como a nossa a revolução santifica este gênero de procedimento”.

Realmente, Bakunin nunca havia escrito dessa maneira. Mas bastou esta proclamação, escreve James Joll, para introduzir ao anarquismo um ele-

mento que iria marcar época no final do século: “la propagande par le fait”, a “propaganda pela ação”, onde se estimulou a ação violenta pessoal e imediata, como se verá mais adiante.

Depois de orientar Bakunin no sentido de não traduzir *O Capital* de Marx para o russo (Bakunin, que de vez em quando tinha recaídas e decidia ganhar um dinheirinho que não fosse o emprestado dos amigos, resolveu traduzir o livro mais importante de Marx para o russo, recebendo um adiantamento por isto), Nechaev tentou namorar a filha de Herzen e roubar um monte de documentos secretos de Bakunin; voltou à Rússia e fundou a sua organização: Justiça Popular. Teve um fim misterioso e repulsivo depois de 10 anos de cárcere. Não sem antes deixar selado e vinculado o anarquismo com a prática do terror individual.

Mas Bakunin ainda viveria emocionantes momentos na sua penúltima incursão nas barricadas do século passado. Em setembro de 1870 explodiu a revolta em Lyon durante a guerra franco-prussiana. Aí Bakunin vislumbrou fortes possibilidades de se realizar o incio da revolução mundial. Escreveu as *Cartas a um francês* (que por sinal eles não chegaram a ver em tempo) propondo a reviravolta da guerra e sugerindo a revolução social: “uma sublevação elementar, possante, apaixonadamente enérgica, destrutiva, sem freios”. Depois da derrota de Sedan foi proclamada a república em Paris. Em Lyon algumas fábricas foram nacionalizadas e um Comitê

de Saúde Pública foi nomeado para depois ceder seu lugar a um Conselho Municipal eleito pela população.

A convite de uns amigos anarquistas da cidade, Bakunin chegou e resolveu dar à situação o seu verdadeiro destino: um tom revolucionário. Junto com os amigos criou o Comitê pela Salvação da França.

Numa reunião massiva realizada em praça pública a população aprovou uma resolução que tributaria os ricos e democratizaria o exército da cidade através da eleição direta dos oficiais. Bakunin e seus asseclas, esperando capturar o poder, publicaram imediatamente uma proclamação abolindo o Estado, o qual seria substituído por uma federação de comunas; instituíram a justiça do povo no lugar dos tribunais e suspenderam os impostos e as hipotecas. As mesmo tempo exortaram as outras cidades francesas a mandar seus delegados a Lyon para uma convenção do Comitê pela Salvação da França. Entretanto, o Conselho Municipal, desastrosamente, decretara uma redução nos salários dos trabalhadores das indústrias e organismos nacionalizados. Contrários a isto os operários saíram às ruas com o apoio do Comitê bakuniniano. O estrategista apocalíptico e desmesurado que habitava Bakunin havia se esforçado para que sássem todos armados, mas foi voto vencido em seu próprio comitê.

Mesmo assim a massa insurrecta tomou a sede municipal. Instalou-se o caos criador. A guarda nacional tentou impedir e foi escorraçada até que chegaram

os reforços e os invasores foram evacuados do prédio acabando-se a rebelião. Bakunin escondeu-se no porão da prefeitura onde roubaram-lhe todo o dinheiro que havia conseguido emprestado para a nova causa. À noite alguns amigos o resgataram.

Voltou para a Suíça para dali sair novamente para uma incursão fracassada em Bolonha, no ano de 1874, e morrer dois anos depois, a 19 de julho, retirado das lides operárias. Dissera certa vez que era preciso ter o diabo no corpo para sublevar os homens. Bakunin os sublevoou.

Piotr Alexeyevich Kropotkin (1842 — 1921) nasceu de família aristocrática russa e foi educado para seguir a carreira militar dentro da qual serviu na Sibéria como oficial, onde desenvolveu suas aptidões pela geografia e sensibilizou-se pelo miserável estado da condição humana.

O jovem Kropotkin, encarregado pelo governo siberiano de fazer uma pesquisa sobre o sistema penal, horrorizou-se com os desmandos da autocracia czarista e percebeu quanto aquilo ia contra seus esforços de uma grande reforma naquela região inexplorada e difícil. Nesta estada tomou contato e impressionou-se com o sucesso da colonização cooperativa dos camponeses. Começou assim a valorizar a diferença entre agir sob o princípio do comando e da disciplina e agir sob o princípio da comunidade, desacreditando na disciplina do Estado. Aproveitou também para fazer as primeiras leituras de Proudhon sob influência do poeta M. L. Michajlov.

Um acidente precipitou seu desgosto pelos métodos autocráticos: a guarda czarista assassinou 5 exilados poloneses em fuga. Kropotkin demitiu-se e voltou aos estudos de geografia em Petrogrado. Notabilizou-se como cientista mas abandonou a carreira aos 30 anos, quando foi para a Suíça, conheceu James Guillaume e entrou para as fileiras da I Internacional, solidarizando-se de imediato com a ala antiautoritária.



Piotr Kropotkin (1842-1921).

Voltou à Rússia em 1872 para desenvolver atividades revolucionárias pelas quais foi preso e fugiu dramaticamente quatro anos depois, retornando à Suíça. *Le Revolté* foi seu primeiro jornal em 1878. Expulso da Suíça pelas suas atividades políticas, passou pela França e pela Inglaterra em 1882, voltando à França acompanhado por uma escalada de explosões e violência política.

A polícia o deteve, acusando-o pelos atentados. No início de janeiro de 1883 Kropotkin e mais 53 camaradas compareceram ante a corte de Lyon para um espetacular julgamento onde os acusados realizaram uma brilhante defesa pública em favor das idéias anárquicas. Kropotkin redigiu e leu uma declaração de princípios denunciando o governo e o capitalismo. Pregou a igualdade como condição da liberdade, numa retumbante defesa que causou algum efeito entre os juízes mas não os impediu de condenar Kropotkin juntamente com 3 companheiros a cinco anos de prisão. Ele aproveitou a reclusão para escrever verbetes para a *Enciclopédia Britânica* e artigos para a *Geografia Universal* do camarada, anarquista, geógrafo e amigo Elisée Reclus.

Livrou-se após três anos de pena cumprida e retornou à Inglaterra. Contribuiu na fundação do jornal *Freedom*, talvez a única e duradoura organização anarquista inglesa, fazendo de seus artigos apenas uma atividade esporádica. Retirou-se das lides para um subúrbio londrino, entregando-se a seus estudos

e ao cultivo de um belo e invejado jardim. Frequentaram sua casa intelectuais ingleses das mais variadas tendências. Escreveu no *Times*. Devagar, modificou e aprimorou suas idéias dando um relevo maior ao aspecto evolutivo da mudança social, desaconselhando a violência como método, angustiado com os atentados anarquistas do fim do século.

De qualquer forma, sua presença e sua atuação colaboraram decisivamente para "melhorar" a imagem do anarquismo junto à opinião pública. Em 1891 ele acreditava e acenava com a possibilidade de que o anarquismo se formasse graças à "maturação da opinião pública e com o mínimo possível de agitação e desordem". Entretanto sua desesperada tentativa de dar ao anarquismo um caráter evolutivo e positivo não encontraria respaldo maior na própria história da ação anárquica, nem antes nem depois dele mesmo.

Aproveitou seus dias de paz em Londres para colocar no papel suas *Memórias de um revolucionário*, um dos seus livros mais importantes. Escreveu também *A ajuda mútua* que nada mais foi do que a clássica formulação das idéias comuns a quase todos os anarquistas de que a sociedade não passa de um fenômeno natural existente antes da aparição do homem que por sua vez e por sua natureza respeitaria as leis sem precisar de regulamentos artificiais, onde as pessoas se solidarizariam ajudando-se umas às outras, como sugere o título.

O espocar da Primeira Guerra Mundial trouxe

junto a cisão entre Kropotkin e os anarquistas. Ele foi a favor da guerra, ele foi a favor principalmente de que a Rússia entrasse na guerra contra Alemanha.

Desembarcou triunfalmente na Petrogrado de 1917 recebido e abraçado por Kerensky. Mais uma vez exortou o fatigado povo russo a prosseguir a guerra. Isolado completamente da esquerda russa (anarquistas, socialistas-revolucionários, bolcheviques etc.), este talvez tenha sido o seu principal engano, pois a tradição anarquista nunca apoiou a participação militar nas forças de um Estado, principalmente contra outro Estado. Finda a guerra e a revolução russa (à qual Kropotkin deu seu apoio e ajuda), reconciliou-se com os anarquistas contra os bolcheviques não só pelo sentido ditatorial que a revolução assumiu, mas também pela violenta perseguição que sofreram da Cheka, a polícia secreta soviética. Morreu em 8 de fevereiro de 1921, enquanto Nestor Machnó sublevava os camponeses na Ucrânia, ao sul da Rússia, e um ano antes da revolta dos marinheiros e trabalhadores de Kronstadt.

Bernard Shaw, que conheceu a frequentou a casa de Kropotkin, confessou certa vez sua admiração por aquele homem "doce e amável até à santidade". Sua importância no anarquismo, ressalta Woodcock, deveu-se sobretudo a sua personalidade e a seus escritos. De inspiração nitidamente positivista amou sobretudo o aspecto construtivo do anarquismo. Apesar de acreditar sempre na inevitabili-

dade da revolução, jamais foi um revolucionário ativo como o foi Bakunin. Preferia a discussão aberta e romântica à conspiração secreta.

Contrário à violência por temperamento, escreveu que a revolução social não seria possível pelos meios pacíficos unicamente porque a burguesia não cederia sem luta, persistia até os últimos momentos. Viu através dos tempos duas correntes de pensamento se digladiando: uma anárquica, a força criadora e construtiva das massas, que elaborara as instituições da lei comum com o fito de defender-se da minoria dominadora. A outra corrente seria a formada dos magos e sacerdotes representando a ciência e a religião que se juntaram aos chefes e conquistadores. Para o seu triunfo futuro a anarquia teria a seu lado a eficácia construtiva dos povos e o auxílio do poder da ciência e da técnica modernas no fomento da nova sociedade, ao desbancar as minorias governamentais privilegiadas.

Viu desde a Grécia antiga indivíduos e tendências de ação que perseguiam não a substituição de uma autoridade por outra, mas a destruição da autoridade mesma sem criar uma nova em seu lugar.

Considerou a revolução como um evento concreto no qual os trabalhadores rebeldes deveriam render-se às conseqüências de sua ação, a fim de que a revolta não desagüasse na criação de novos órgãos de poder. A revolução deveria assegurar imediatamente duas coisas: a frustração de qualquer tentativa

de criação de um "governo revolucionário", uma anomalia que se contradiria por si só, e garantir um substancial progresso à igualdade social. Nela, o gradualismo seria fatal exatamente porque todos os aspectos da vida social e econômica estão conectados, só a completa e imediata transformação da sociedade poderia garantir uma arma eficaz contra a reação.

Desenvolveu as idéias do comunismo-anárquico, como diz a palavra, uma combinação de idéias do comunismo com o anarquismo. O que o distingue das outras doutrinas libertárias é a idéia da "livre distribuição", segundo os historiadores, mais velha do que a própria anarquia, onde cada indivíduo participa com seu trabalho e cada um retira de acordo com seus desejos.

De Charles Fourier — considerado pelos marxistas como um dos representantes do socialismo utópico — Kropotkin retomou a idéia do trabalho agradável: a fruição do trabalho pelo indivíduo que não seria explorado por outrem, uma das chaves da sociedade livre. E o preguiçoso? Kropotkin definiu como um homem inútil e portanto a sociedade livre teria o direito de pressioná-lo moralmente.

A idéia do comunismo-anárquico teve uma rápida disseminação. Em 1877 todo o círculo libertário suíço aderiu, os italianos, como Carlo Cafiero e Errico Malatesta, também. Em 1880, com a ajuda de Cafiero e Reclus, Kropotkin persuadiu o congresso da Federação do Jura a aceitar como doutrina

econômica oficial sua proposta para a nova sociedade libertária.

Leon Tolstói (1829 — 1910) também nasceu de uma família nobre da Rússia. Desenvolveu o que os estudiosos chamam de anarquismo cristão, apesar de deixar a palavra anarquista apenas aos partidários da transformação violenta e de preferir definir-se apenas como um cristão fiel ao evangelho. Mas tem seu lugar reservado na história do anarquismo, pois refutou incansavelmente o Estado e a propriedade.

Influenciado desde cedo pelos escritos de Proudhon (a quem conheceu pessoalmente) não sentiu nenhuma atração por Bakunin mas nutriu um grande respeito pelas idéias e pelo homem que foi Kropotkin. Seu racionalismo cristão e sua teoria do "amor" fez com que seus comentadores o aproximassem das idéias da "ajuda mútua" de Kropotkin.

A guerra da Criméia e alguns anos passados no Cáucaso tornaram-no um pacifista e um apaixonado das virtudes de uma sociedade simples. Uma execução capital na Paris de 1857 feriu profundamente seus sentimentos; a guilhotina encarnou para ele, então, o símbolo do Estado. Prometeu a si mesmo jamais servir a nenhum governo, de qualquer parte do mundo.

A interpretação da obra de Tolstói é contraditória e sobre ela os críticos raramente chegam a um acordo, felizmente. George Woodcock acena com a importância de se reconhecer a continuidade

da veia anárquica no pensamento de Tolstói, do começo de seus escritos até a sua morte. Neles Tolstói exprimiu sempre um profundo desejo de justiça e amor, fascinado pela beleza singela do mundo natural.

A tensão entre o escritor e o reformador sempre esteve presente nele. Em seus primeiros livros (*Guerra e Paz*, *Anna Karenina*, *Ressurreição etc.*) pode-se sentir o seu desejo de uma universal fraternidade humana. Posteriormente deixou claro qual sua maior arma: a negação da obediência. O recurso à razão seria o principal meio para a transformação da sociedade e em última instância apelou à persuasão e aos exemplos. Pediu aos que queriam abolir o Estado que deixassem de cooperar com este, negando-se a servir ao exército, à polícia, não pagando os impostos. Ensinou que a força moral do homem valia mais que a força de uma multidão de escravos silenciosos. Como observou Woodcock, sua religião não teve misticismo; humanizada, o reino de Deus estaria aqui na terra entre os homens.

Exerceu uma imensa influência. Milhares de russos e não-russos fundaram, tanto na sua terra como no exterior, colônias tolstoianas baseadas na comunhão dos bens e num ascético regime de vida. A maioria faliu em um período relativamente breve e algumas comunidades estiveram em atividade até 1930. Tolstói influenciou também os anarquistas pacifistas holandeses, ingleses e norte-americanos. Seu maior discípulo foi Mahatma Ghandi.

Errico Malatesta (1853 – 1932) foi caso à parte entre os anarquistas italianos. Teve uma vida tão aventureira quanto a de Bakunin, insuflando rebeliões, insurreições, organizando movimentos de caráter anarquista, viajando e deixando as sementes libertárias na América do Sul.

Preso diversas vezes, condenado, fez greve de fome, discordou e propôs idéias novas e totalmente contrárias aos dogmas anárquicos. Filho de pequeno-burgueses, não foi rico mas, como se diz, bem de vida. Estudou medicina em Nápoles, foi socialista para depois aderir à ala libertária da I Internacional. Todo o dinheiro que teve dedicou à sua causa. Publicou jornais, reuniu artigos em livros (*Anarquia é o mais conhecido*), foi o fundador do único jornal anarquista que ainda sobrevive desde sua fundação, em 1920: o *Umanità Nova*, inicialmente cotidiano; publicado semanalmente em Milão nos dias de hoje.

Seu ingresso na I Internacional deveu-se à forte impressão que lhe causou a Comuna de Paris em 1871. Conheceu pessoalmente Bakunin e fez presença no congresso antiautoritário que fundou a Internacional de Saint-Imier após o fim da I Internacional. Promoveu pequenas insurreições na Itália em 1874. Depois de ser preso, julgado e colocado em liberdade, defendeu no mesmo ano em Florença a passagem do coletivismo bakuninista para o comunismo-anarquista de Kropotkin. Nesta mesma época ele e seus camaradas tentaram capitalizar o descontentamento geral das

populações citadinas e camponesas italianas, insuflando uma insurreição a partir das montanhas do Meiodia napolitano. Foram traídos, tentaram antecipar a rebelião mas acabaram presos. Malatesta saiu da cadeia somente quatro anos depois.

Não foi bem recebido no Egito, na Síria, na França e na Suíça. Resolveu radicar-se em Londres, o único local possível para os exilados políticos da época. Frequentou Kropotkin, admiraram-se e confiaram-se mutuamente, concordaram no geral com respeito às premissas do comunismo-anarquista, mas tiveram profundas divergências que apareceram claramente por ocasião da primeira grande guerra, na qual Malatesta foi contrário a qualquer participação. Segundo seu amigo, correspondente e biógrafo Max Nettlau, Malatesta achava que o conhecido otimismo e certas expectativas de Kropotkin careciam de base realista.

Contrário ao espontaneísmo, achava-o impossível em qualquer acordo para a ação revolucionária. Buscou, e isto valeu-lhe severas críticas dos próprios anarquistas, concórdia com os socialistas autoritários para destruir o capitalismo e o Estado; esperava no momento oportuno separar-se deles caso o impedissem de suas realizações. Lutou muito para dar uma efetiva coesão à Internacional que queria reorganizar. Sua maior investida contra os dogmas libertários deu-se ao propor a formação de um partido socialista anárquico revolucionário. Acreditou ser útil e possível uma internacional

libertária revolucionária que unisse os elementos anarquistas revolucionários de todas as tendências.

Pode-se imaginar o impacto que estas idéias causaram numa comunidade política que até então havia vivido sem nenhuma organização centralizada, pois o que conseguiram fazer foi a manutenção de escritórios de correspondência que aos poucos iam perdendo suas funções. Resistiu também à inimizade dos anarquistas quando estes começaram a teorizar acerca da greve geral como supremo instrumento da revolução, inspirados pelos sindicalistas franceses. Para Malatesta, a greve geral, não sendo a própria revolução, não passava de um conflito passageiro. Kropotkin e o fiel amigo e companheiro de Malatesta, Saverio Merlino, saíram em sua defesa. Tentou, depois, relacionar o comunismo-anarquista com o sindicalismo, esperando arejar os sindicatos ao instituir a prática da ação direta, a solidariedade e o federalismo.

Viveu muito tempo em Londres sempre participando de todas as iniciativas locais e internacionais, escrevendo para jornais italianos com o objetivo da união. No congresso de Amsterdã, que fundou uma abortada Internacional Anarquista, ele esteve presente e foi eleito membro do Comitê Organizativo. Na Itália fez campanha contra a participação e a própria guerra de 1914. Editou além do *Umanità Nova* uma revista, *Pensiero e Volontá*, fechada em 1926 pelos fascistas. Morreu seis anos depois doente e recluso domiciliarmente por ordem de Mussolini.

Emma Goldman (1869 — 1940) nasceu na Rússia e emigrou ainda jovem para os Estados Unidos. Está presente aqui por ser uma das primeiras mulheres que apaixonadamente escreveu, amou e combateu pelo anarquismo. Foi uma das maiores defensoras da emancipação e dos direitos da mulher, pioneira na defesa dos anticoncepcionais. Foi presa e deportada dos EUA em função de suas atividades libertárias.

Considerava a humanidade ainda do tamanho de um pigmeu e o amor algo desconhecido para a maioria das gentes. Não pedia aos homens que perdoassem as mulheres ou vice-versa, sugeria, apenas, para a verdadeira emancipação social, que se entendessem todos mutuamente. Detestava, a propósito, a frase de Madame de Stael que dizia "entender tudo significa perdoar tudo".

Criticou violentamente os que achavam que a emancipação da mulher viria pelo direito ao voto. Gargalhou em cima disto e perguntou o que havia conseguido a mulher com o voto, pois ele não havia purificado a vida política da sociedade em seu todo.

Proclamava que casamento e amor nada tinham em comum, apesar de alguns casamentos serem produtos do amor. Oradora retumbante, colaborou com sua voz para a causa libertária em inúmeras conferências. Defendeu os amigos e amantes com uma fidelidade exasperada. Ficou famoso o caso em que, armada de um látego, chicoteou em público, violentamente, o rosto de Johann Most, um orador anar-

quista que havia feito algumas restrições a um atentado cometido por Alexandr Berkman, companheiro de Emma Goldman nos EUA.

Emma Goldman mostrou que nem só de problemas políticos ou organizativos viveu o anarquismo. Sem dúvida foram indivíduos ligados às idéias libertárias que também colocaram em cheque não só a sociedade capitalista, mas também a fé, a família e o desamor entre as pessoas escravizadas pelo jugo onipresente da autoridade.

O INTERNACIONALISMO

A bandeira negra do anarquismo internacionalista esteve novamente hasteada em 1976 na França e mais recentemente, em setembro de 1979, em Veneza. Em Paris houve mais um congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, o último de que se tem notícia, exatamente 112 anos depois que sob os auspícios de alguns sindicatos britânicos e franceses e sob o comando do férreo pulso de Karl Marx se estabeleceu em Londres pela primeira vez o organismo que se tornou mundialmente conhecido como a I Internacional. Modestamente, em Veneza houve apenas um encontro sobre a autogestão com representantes de países europeus e americanos.

Neste último congresso anarco-sindicalista em Paris de 1976 o clima, sem dúvida, foi mais para a

tristeza do que para o otimismo e a curiosidade dos primeiros e gloriosos tempos da internacional operária. Quase disseminados e praticamente condenados a existir no exílio, os anarco-sindicalistas em 1976 conseguiram reunir apenas cinco delegações: a francesa, a venezuelana, a britânica e os exilados da CNT espanhola e búlgara. Portugal, desinteressado, não mandou representantes; as anteriormente combativas seções argentinas e uruguaias estavam e continuam na clandestinidade. Do resto das organizações sindicalistas-anárquicas sequer existiam notícias concretas na época. Mas a década de 70 marcou também o vigoroso ressurgir da CNT espanhola e uma prometedora reorganização e atuação de vários núcleos anarquistas na Itália, Holanda, Estados Unidos, Japão e Suécia.

Antes de entrar nas explicações, fatos, méritos e deméritos dos anarquistas que teimam em existir na atualidade é preciso retornar à incomum e quicá desconhecida história da I Internacional, onde a influência de Marx e a de Bakunin se mesclaram, se confundiram e se separaram em conjunto com a história do movimento operário.

Proudhon sonhou um dia com a perspectiva ambiciosa de uma associação internacional de produtores, um organismo que aglutinasse em todos os países os partidários das cooperativas e que pudesse impulsionar os produtores dos bens materiais a uma luta comum em torno de sua causa. Os mutualistas, seguidores fiéis das idéias proudhonianas,

jogaram a grande cartada na fundação da I Internacional. No começo de setembro de 1864, Henry Tolain, Charles Limousin e E. C. Fribourg, líderes sindicalistas franceses, proudhonianos, desembarcaram em Londres para participar de uma grande reunião no St. Martin's Hall, onde os britânicos e alguns exilados europeus (Marx entre eles, representando os alemães) esperavam-nos para ouvir a proposta de uma Associação Internacional dos Trabalhadores.

Entretanto, Marx tinha na cabeça idéias muito claras a respeito do futuro que queria dar àquela organização. Os mutualistas franceses também. E não era nada daquilo que o alemão imaginava. Aspiravam a uma sociedade em que todos os homens seriam proprietários e cada um teria de volta os frutos de seu próprio trabalho. Para isto tinham esboçado um sistema genial: uma instituição pública, autônoma, incluída em Constituição, uma espécie de banco de crédito popular que instituiria o crédito gratuito concedendo aos produtores (individuais ou em grupo) adiantamentos de capital livre de interesses. Eram contrários à igualdade econômica e cada indivíduo deveria ser remunerado conforme seu serviço. Defendiam apenas uma reforma no sistema da propriedade para torná-lo livre da exploração de classes. Consideravam a família a base essencial da sociedade e a propriedade da terra e dos outros meios de produção condição necessária para a existência social da família. Quanto à Internacional, aspiravam, com apoio dos sindicalistas ingleses,

a que esta mantivesse suas bases nos sindicatos operários e não fosse jamais uma federação de partidos, livrando-a assim da participação nas instituições políticas da democracia burguesa. Não foram somente os marxistas que os criticaram pela essência de suas aspirações, mas também os anarquistas de cunho bakuninista e anarco-sindicalista (estes mais tarde), que viam nos mutualistas proudhonianos apenas uns reformistas incorrigíveis.

Mas não foram os mutualistas que levaram a melhor nesta reunião em St. Martin's Hall. Nomeados os 21 membros para redigir os regulamentos e uma constituição, este Comitê Central caiu nas mãos dos representantes das trade-union inglesas, de alguns refugiados franceses, italianos e de Marx. A situação continuou a mesma quando dois anos mais tarde se estabeleceu o primeiro congresso internacional em Genebra. Prevaleceu, entretanto, a argúcia e sutileza de Marx que redigiu o regulamento usando alguns jogos de retórica para passar suas proposições políticas, sem entrar em conflito aberto com as idéias contrárias à sua.

O congresso de Genebra decidiu-se pela aprovação do sonhado Banco de Crédito Gratuito e a favor das sociedades cooperativas de produção dos mutualistas. Marx apresentou e conseguiu aprovar sua tese que dava importância às greves e organizações sindicais contra os patrões, objetivando acabar com o sistema salarial e criar uma outra ordem social sob o poder da classe trabalhadora; introduzindo habil-

mente o conceito de "estado operário". Com alguma oposição aprovou-se também uma proposta em favor da lei regulamentando a jornada de trabalho em 8 horas e outra propugnando a educação pública para todas as crianças.

No final, Marx teve razão em rejubilar-se, o congresso foi uma vitória contra os anarquistas franceses. Mas sua alegria duraria pouco.

Dois anos depois o congresso da Internacional em Lausanne, na Suíça, apoiou a Liga da Paz e da Liberdade (organismo sob a inspiração de Garibaldi e aglutinador de várias personalidades políticas e culturais da época) na sua luta contra a guerra e pela união de toda a Europa sob um governo republicano. Mas esta mesma Liga não aprovou depois as condições pedidas pela Internacional para apoiá-la. O fato foi importante porque causou uma profunda desilusão em Michail Bakunin, dirigente da Liga, dela demitindo-se por considerá-la muito pouco radical. Foi engrossar as fileiras da Internacional que já estava lhe dando água na boca.

Desta data em diante os proudhonianos perderam a primazia de disputar com Marx as concorridas discussões no seio da Internacional. O cenário deu lugar a uma ferrenha briga entre dois gigantes, intermediados por Georg Eccarius, um alfaiate alemão, lugar-tenente de Marx que tinha por hábito não participar das reuniões plenárias dos congressos internacionais.

O conflito não seria apenas político, mas tempera-

mental. Segundo G.D.H. Cole e James Joll, podemos encontrar em Marx algumas características básicas: autoritário; centralista; aspirou à ativa intervenção política dos trabalhadores; namorou ardentemente o poder do Estado e teorizou acerca da nacionalização dos meios de produção. E Bakunin: um partidário da união de todos os povos eslavos; um apaixonado da revolução espontânea cuja base seriam os camponeses e os elementos marginais da sociedade urbana; um libertário; federalista; opositor até às raias da insolência da ação política nos quadros parlamentares; irado com qualquer tipo de Estado e apenas queria vê-lo abaixo enquanto predicava o controle dos trabalhadores sobre os meios de produção.

A mente ordenadíssima e disciplinada de Marx jamais poderia se convencer de que, como queria Bakunin, a única coisa importante era a agitação das massas para a apocalíptica destruição revolucionária, deixando à sua espontaneidade a tarefa de criar uma nova ordem social. Marx concebia a Internacional como um movimento sob uma direção central e unificada, apesar de permitir uma relativa liberdade às seções nacionais. Para Bakunin, cada movimento, não só nacional, mas local, deveria ter completa autonomia para formular sua própria política sem receber instruções de fora.

Marx, que realmente não teve limites nas censuras que opôs à burguesia, achava necessário apoiá-la taticamente quando tentasse implantar reformas

favoráveis aos interesses da classe trabalhadora (mais direitos políticos ou redução da jornada de trabalho, por exemplo). Bakunin, neste ponto, era bem mais expedito e claro: literalmente contra qualquer tipo de apoio aos políticos burgueses.

O advento de Bakunin na Internacional deu-se de maneira pouco convencional. Afinal ele era um reconhecido dirigente das massas e não podia simplesmente chegar no escritório da Associação Internacional dos Trabalhadores e pedir sua inscrição e carteirinha. Não, fundou então a sua Aliança Internacional da Democracia Socialista para atuar com ela dentro da Internacional, aproveitando a infra-estrutura que esta já organizara em quase quatro anos de atividades. A nova organização bakuniniana, por sua vez, seria controlada pela indefectível Fraternidade Internacional (a organização secreta de Bakunin que por sua vez seria controlada pela Família Internacional, que por sua vez estaria sob o inquestionável controle de Mestre Bakunin). A missão da Aliança bakuniniana seria treinar e formar "propagandistas, apóstolos, e por último organizadores", assim como recrutar, caso necessário, as forças de choque revolucionárias para dirigir os trabalhos na Europa. Uma organização avançada que injetaria em seus membros um contínuo fervor revolucionário. Em 1868 foram imediatamente criadas seções em Lyon e Marselha além do envio de Giuseppe Fanelli para organizar a Aliança em território espanhol. Foi assim que

Bakunin requereu seu ingresso nos quadros da Internacional; com outra organização.

Desconfiado e receoso, Marx, de Londres, acompanhava as manobras de Bakunin e podia sentir a eficácia da Aliança com sede estabelecida em Genebra. A reação não tardou; de Londres, o Conselho Geral da Internacional pronunciou-se contra a Aliança bakuniniana, manifestando que não toleraria um segundo corpo organizado dentro da AIT. Bakunin relutou um pouco, escreveu elogiosas e infrutíferas cartas a Marx, mas acabou concordando em dissolver sua Aliança e passar suas seções para o controle direto da Associação Internacional dos Trabalhadores. Finalmente institucionalizou-se seu ingresso.

Os conflitos maiores dentro da Internacional começaram no congresso de Basiléia em 1869. Entrou na pauta a célebre questão da herança. Bakunin exigiu do congresso que incorporasse ao programa da AIT um item sobre a necessidade da abolição dos direitos à herança. Argumentou que a propriedade hereditária era a base sobre a qual se assentava a ordem social existente e sua abolição essencial na dissolução do Estado. Foi mais longe, considerou as fortunas hereditárias em oposição à igualdade entre os homens, pois não existiriam diferenças baseadas nos dons naturais de cada um. G. Eccarius, anteriormente instruído por Marx, argumentou ponderadamente que a abolição da herança seria conseguida com o próprio aconteci-

mento revolucionário e não via a necessidade de transformar uma reivindicação imediata em primordial, na primeira fase revolucionária.

Em seu íntimo, Marx achava o ataque bakuniniano à herança uma perda de tempo, uma atitude pequeno-burguesa e não arredou pé de sua tese segundo a qual as condições econômicas eram as que fundamentalmente determinavam as relações de propriedade. Bakunin concordava com isto mas opunha a questão da herança como tática principal na luta pela emancipação da sociedade. Ninguém levou a melhor. Apesar de expressiva votação obtida pela tese de Bakunin, ela foi derrotada pela grande quantidade de votos brancos que contavam contra. No entrevero armou-se o cisma e descobriu-se a pouca influência do Conselho Geral, comandado por Marx, no seio da Internacional. Bastou Bakunin opor outra tática que não a anteriormente planejada e o confronto se instalou entre os delegados internacionais.

Desta data em diante Marx e Engels partiram diretamente para um ataque político e pessoal contra Bakunin, convencidos de que ele preparava uma vastíssima conspiração. Por dois anos nenhum congresso se realizou. Os internacionalistas assistiram ao mesmo tempo ao colapso da Comuna de Paris e à violenta repressão que se seguiu. Preocupado com esta situação e concomitantemente com a da Internacional, Marx convocou para o verão de 1871 uma conferência de caráter privado em Londres,

com a participação da maioria dos congregados marxistas, expressando-se a favor da criação de um partido operário. Nesta conferência alguns delegados defenderam pontos de vista contrários aos de Marx, de caráter anarquista, mas não foi em função deles que a maioria rejeitou o plano de um partido dirigido por Marx e pela Internacional.

Ao mesmo tempo, em novembro de 1871, a já estabelecida ala antiautoritária da Internacional reuniu-se em Sonvillier, numa conferência que marcou o início das conversações para a fundação de uma internacional exclusivamente anarquista. Participaram os delegados da Federação do Jura, vários expatriados radicados em Genebra, representantes de federações bakuninistas da Espanha e Itália, seguidores de Cesar de Paepe (italiano anárquico com tendências sociais-democratas), partidários anarquistas da Holanda e da Inglaterra. Todos estavam com Bakunin pelo menos em uma questão: eram contra o modo de Marx tentar controlar autoritariamente o Conselho Geral da Internacional. Subscreveram a Circular de Sonvillier que formulou uma organização operária descentralizada.

Entretanto, de Londres, a perseguição movida contra os libertários continuava. Em 1872, Marx convocou um congresso em Haia (longe da Suíça, Espanha ou Itália, onde ele sabia que teria problemas com os antiautoritários) e os congressistas aprovaram a expulsão de Bakunin e seus partidários

da Internacional. Para maior segurança, os marxistas, no afã de se verem longe das idéias "nocivas" dos anarquistas, mudaram a sede do Conselho Geral da Internacional exatamente para Nova York, com isto selando, inadvertidamente, sua morte.

As causas ditas imediatas da derrocada da I Internacional estão aí, límpidas. Muitos estudiosos do anarquismo e do marxismo aprofundaram um pouco esta questão e James Joll parece dar uma das explicações mais plausíveis. Para ele, o comunismo de Estado baseado em um partido centralizado e disciplinado foi criticado pelos anarquistas que propunham em troca comunas livremente federadas e independentes. Nelas, o capital, as fábricas, as máquinas e as matérias-primas pertenceriam às associações e as terras seriam dos que a cultivassem. Para Karl Marx, a revolução ocorreria por causa do fatal processo histórico e da gradual consciência por parte do proletariado do lugar que lhe cabia na inevitável luta de classes. Bakunin, como já foi visto, achava que esta revolução poderia ser provocada por uma vanguarda que explorasse inteligentemente o potencial revolucionário já existente. Enquanto Bakunin deu nítida preferência às sociedades secretas como condutoras do processo, Marx preferia os massivos partidos políticos. Sem dúvida, uma radical diferença tática embora ambos sonhassem com o mesmo fim, apesar de, sempre é bom frisar, o primeiro desejar ardentemente ver-se livre do Estado e o outro usá-lo como instrumento de

transição.

Adiante! Os libertários e simpatizantes que participaram da conferência de Sonvillier resolveram levar em frente o movimento internacional. Reuniram-se então em Saint-Imier e ocuparam-se da criação de uma nova internacional, ou, como queriam, a reforma da antiga. Inauguraram assim um segundo período no internacionalismo anarquista, na divisão feita por George Woodcock que o separa em cinco períodos distintos.

Os anarquistas em Saint-Imier tinham sobretudo um grande trunfo: o apoio das bases. Este passou-lhes às mãos devido em grande parte à transferência do quartel-general marxista para Nova York. Antes do cisma de Haia, a Internacional contava com quase 1 milhão de filiados em todos os países. De 1873 em diante este número baixou muito, mas até o ano de 1877 os anarquistas conseguiram muitos adeptos entre os que antes professavam o marxismo.

Sabe-se também que em 1873 os marxistas tentaram realizar um congresso em Genebra, o qual não passou de "uma coisa piedosa" no dizer dos observadores. Marx, em Nova York, exclamaria quando soube dos frustrados resultados: "A partida está encerrada".

Das resoluções de Saint-Imier pode-se ressaltar que esta nova Internacional não assumiu um caráter especificamente anárquico. Proclamou a autonomia de todas as seções e federações. Negou terminantemente a competência legislativa dos congressos

periódicos. Recebeu apoio incondicional dos grupos antimarxistas, dos trade-unionistas ingleses e dos anarquistas considerados extremistas. A única resolução de caráter nitidamente anárquico foi a que condenou a importância dada à ação política nos congressos anteriores, e em seu programa pode-se ler que propunha "a destruição de qualquer tipo de poder político".

Este segundo período do internacionalismo anarquista estendeu-se até 1881, quando os libertários tentaram novamente criar um outro organismo internacional. No entretempo ocorreram congressos, nada originais, em Genebra, Bruxelas, Berna e Veviers. A Internacional foi proscrita na França, Espanha e Itália. Teve uma existência tempestuosa e a partir de 1875 adquiriu novas cores, sua influência aumentou na França, fundaram-se federações na América Latina, apareceram seções em Portugal, Grécia e Alexandria. Infortunadamente, durante os anos 70 do século passado, ela assistiu também à sua própria desagregação, em parte motivada pelo crescimento da social-democracia junto às bases.

O último congresso anarquista desta década, na cidade francesa e industrial de Veviers, contou somente com a participação de Kropotkin, Paul Brousse (da delegação francesa e depois socialista), Gonzales Morago (da delegação espanhola), James Guillaume (representando os suíços de língua francesa), Werner (representando os suíços de língua alemã), mais os delegados de grupos anarquís-

tas da Alemanha, México, Uruguai e Argentina, além de Andrea Costa, acompanhado da belíssima Anna Kuliscioff, ambos importantes na posterior fundação do Partido Socialista Italiano, mas até o momento libertários. Neste congresso faleceu a Internacional de Saint-Imier, ou melhor, deixou de existir pois jamais foi dissolvida oficialmente.

Londres seria mais uma vez sede de um importante movimento conspirativo contra a espoliação burguesa. Numa pequena taberna em Carrington Street, quarenta e cinco anarquistas representando 59 grupos individuais de quase cinqüenta mil militantes inauguraram em 1881 mais uma organização internacional sob os olhos preocupados do governo francês e britânico.

Além de Errico Malatesta, Saverio Merlino e Kropotkin estavam presentes a líder feminina francesa Louise Michel e Emile Pouget. À parte um delegado mexicano — inofensivamente o precursor do napalm, da guerra bacteriológica, pois defendia o emprego da química como arma na luta de classes —, a reunião pautou-se por uma grande indecisão e variedade de posicionamentos. Uns preferiam o movimento na clandestinidade e outros, como Kropotkin, defendiam bravamente o ponto de vista em favor de um vasto e espontâneo movimento insuflado pelo impulso popular. Apenas em um ponto estavam de acordo: a inevitabilidade da violência revolucionária contra a própria violência desencadeada pela repressão. Os historiadores

afirmam que ainda não existia nenhuma corrente pacifista dentro do movimento libertário e que a fase terrorista também não começara com toda sua força. Mas o assassinato de Alexandre II, na Rússia, por obra da organização *Narodnaja Volja* (A vontade do povo), influenciou muito nas discussões. Apesar da incerteza entre a criação de uma organização legal ou clandestina, o fato concreto é que de 1881 até o final do século os libertários abandonaram a idéia dos movimentos massivos pela dos grupos secretos de ativistas, inaugurando os pequenos grupos de ação direta que promoveram atentados ou insurreições. Foi a famosa era da "propaganda pela ação". Este segundo período continuou com uma série de congressos abortados até 1889.

O terceiro período foi de 1889 até 1896, quando os anarquistas concentraram seus esforços na fracassada tentativa de se insinuarem dentro da II Internacional Socialista. Esta nascera em 1889 em Paris com a unificação de dois congressos socialistas rivais: o dos partidários de Jules Guesde, com apoio dos marxistas europeus, e o congresso dos partidários de Paul Brousse, anteriormente em luta contra o ex-anarquista Guesde pelo controle do socialismo parlamentar na França. Dizem os observadores que os anarquistas se infiltraram nas duas organizações com louvável imparcialidade. (Os leitores poderão encontrar maiores detalhes no volume *O que é o socialismo* desta mesma coleção.)

A definitiva expulsão do congresso socialista de Londres (e não seria mais uma que iria abalar quem mais se exercitara nestes casos) em 1896 marcou o início do quarto período, cujo ápice foi o congresso em Amsterdã no ano de 1907 onde os incorrigíveis libertários, numa das reuniões mais vivazes que conseguiram fazer, buscaram uma organização composta apenas de anarquistas convictos.

O sindicalismo revolucionário (anarco-sindicalismo) desabrochou com toda sua plenitude. Daniel Guérin considera que somente a partir daí o anarquismo mostrou-se em toda a sua força, pois acredita que no século passado ele mal chegou a esboçar o seu papel. Concorda que, graças a Bakunin, o anarquismo participou de um verdadeiro movimento de massas no século XIX: o da I Internacional. Guérin aproveita e ressalta o papel do francês Fernand Pelloutier, um dos responsáveis pela entrada triunfal dos anarquistas nos sindicatos, passando da tática da dinamite para a do contato direto com as massas, criando uma escola prática onde as idéias antiautoritárias puderam vicejar. É preciso lembrar também de outro grande impulsionador do sindicalismo revolucionário, o francês Pierre Monatte, defensor no congresso de 1907 das idéias sindicalistas, contra Malatesta que via no sindicalismo apenas um meio — e imperfeito — de combate, pois levava ao descuido de outros meios de luta.

Apesar de todos, Malatesta inclusive, o anarco-sindicalismo venceu, deu o tom, definiu-se e apon-

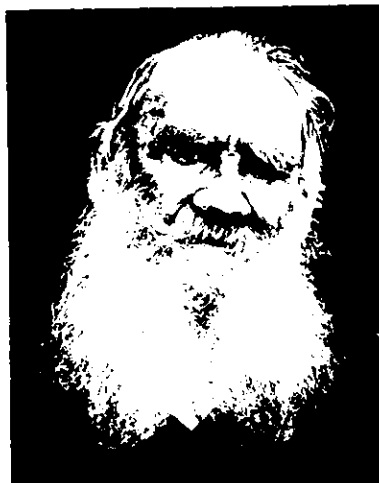
tou como o grande movimento massivo libertário do século XX. O quinto período do internacionalismo anarquista foi do fim da primeira grande guerra até o auge da guerra civil na Espanha. Este período assistiu ao episódio de Nestor Machnó e Kronstadt, ambos na Rússia, como se verá adiante. Ainda nesta época os anarquistas refundaram, em 1923 na cidade de Berlim, a sua Associação Internacional aos Trabalhadores que existe até hoje com sede em Estocolmo na Suécia. O congresso contou com o apoio de delegações anarco-sindicalistas da Argentina, Chile, México, Noruega, Suécia, Dinamarca, Alemanha, Tcheco-Eslováquia, URSS, Itália, França, Holanda, Portugal e posteriormente da Espanha.

Depois o mundo viu e participou da Segunda Guerra Mundial, acompanhou a guerra fria e o espetacular crescimento do capitalismo. Burocratizou-se, perseguiu-se e reformou-se a AIT. Faltou-lhe a flexibilidade para acompanhar os variados matizes de um novo anarquismo, autogestionário, antiautoritário, ecológico, autônomo, grupos de afinidade, comunitário ou nome ou rótulo que lhe queiram dar. Alguns anarquistas nostálgicos recusam-se até a comentar a atual situação da AIT, pensam que nunca retomará o viço e o vigor do século passado quando os libertários de toda a Europa enfrentavam cansativos dias de viagem para ouvir a voz de Bakunin ou Malatesta em algum congresso ou encontro internacional.

Apesar de tudo, proliferaram de alguns anos para

cá numerosas publicações de caráter libertário em todas as partes do mundo; do *Minus* de Hong Kong ao *Inimigo do Rei* no Brasil, perfazendo um total de mais de 120 boletins, jornais ou revistas em todo o planeta. De 1936 até os dias de hoje pode ser demarcado o sexto período do internacionalismo anarquista cuja característica principal está nas mais variadas e específicas formas de resistência à autoridade e busca de uma vida melhor nas diferentes acepções que encontraram os libertários para se organizarem dentro e paralelamente à sociedade. Se comparado com os melhores momentos do século passado ou do começo deste o internacionalismo anarquista pode ser considerado em estado letárgico neste último período. Mas deu algumas emoções verdadeiras como o renascer da CNT espanhola ou a revolta estudantil de 1968 em quase todo o mundo — se é que se pode, pelo menos, considerá-la legítima manifestação antiautoritária..

Concomitantemente pode-se antever também uma nítida expansão do pensamento antiautoritário (não disse anarquista) nas várias correntes filosóficas, políticas e literárias deste século. Aproveito um levantamento, ainda precário, feito por uma revista libertária espanhola, *Bicicleta*, para retirar e acrescentar alguns pensadores ou escritores deste século que se pautaram, ou se pautam, em pensar, rever, criticar ou escrever sobre o autoritarismo em seus diversos matizes. A lista vai em ordem alfabética para não ferir suscetibilidades e os leitores



Agência Keystone

Leon Tolstói (1828-1910)



Albert Camus (1913-1960)

Agência Abril

podem acrescentar a gosto seus pensadores antiautoritários de preferência: Antonin Artaud, André Breton, Albert Camus, Augustin Garcia Calvo, Andy Warhol, Anyon Pannekoek, Baltasar Porcel, Bertrand Russell, Boris Vian, Cioran, Carlos Díaz, C. Castoridis, Claude Lefort, Carlos Semprun, D. H. Lawrence, David Cooper, Edgar Wind, Edgar Rodrigues, Fernando Arrabal, Felix Guattari, George Battaille, Giles Deleuze, Groucho Marx, Cohn-Bendit, Georges Sorel, Henry Miller, Herbert Marcuse, Hans Mayer, Herbert Read, H. M. Enzensberger, Henri Simon, Jean-Paul Sartre, Jacques Monod, Jean Baudrillard, Joan Peiró, Luis Buñuel, Luis Nazario, Lima Barreto, Maurice Blanchot, M. J. Harner, Michel Foucault, Noam Chomsky, Paul Goodman, R. Dútscke, Richard Gombim, Samuel Beckett, Susan Sontag, Simone de Beauvoir, Savater, Schumacher, Theodor Adorno, Tristan Tzara, Valerie Solanas, Victor Serge, Victor Garcia, Walter Benjamin, W. Bourroughs e Yona Friedman.

A PARTE MALDITA

Na Rússia

Era uma festa animada na casa daquele latifundiário russo. As garrafas de bebida iam-se esvaziando e as canções enchendo a noite. De repente, como numa mágica, caiu do céu, pulou os muros e se esgueirou pelas paredes gritando frases incompreensíveis um bando enorme de soldados da milícia ucraniana. Não sobrou um convidado em pé, foram todos subjugados e muito tempo depois ainda não tinham compreendido como é que sua polícia poderia tê-los assaltado. Estavam enganados. Eram os militantes do Exército Insurgente da Ucrânia disfarçados e comandados por Nestor Machnô. Vinham expropriar as terras dos nobres e distribuí-las entre os camponeses, no verdadeiro estilo de Robin Hood. Travestidos de oficiais do exército para melhor chegar até o fazendeiro, aproveitavam-se dessa condição para ga-

nhar sua confiança e hospitalidade, e, depois, com um dramático golpe teatral, revelarem-se e justifiquem o inimigo do povo.

Por alguns anos não houve nem lei nem autoridade ao sul da Ucrânia, numa região que abrangia uma área de 280 km de comprimento por 250 de largura, com aproximadamente 7 milhões de habitantes. Nestor Machnó ou simplesmente "o pai" como era chamado, quer queira, quer não, reinou absolutamente. Expulsou os soldados do Exército Branco que vinham acabar com a revolução, distribuiu terra aos camponeses, criou comunas livres, combateu ombro a ombro e também contra o poderoso Exército Vermelho comandado por Leon Trotsky para depois ser esmigalhado por este, criando mais uma história das momentâneas e espetaculares conquistas e desastrosas derrotas do anarquismo.

Todos os estudiosos que se debruçaram sobre a Rússia concordam que o anarquismo somente se manifestou em toda a sua plenitude, organizativamente, a partir do finzinho do século passado.

Apesar disto, o passado russo assinala violentos levantes populares, principalmente nas regiões fronteiriças, com fortes características libertárias devido ao seu espontaneísmo. Abundaram seitas anarco-religiosas, pacifistas, que se revoltaram contra qualquer coerção externa, tanto da parte religiosa como da das autoridades leigas, recusando-se a pagar os impostos e a pegar em armas para servir ao Czar.

Conta a lenda que por volta de 1875 formaram-se

em Kiev e Odessa alguns grupos comunitários escondendo armas e sequiosos por uma insurreição camponesa ao gosto e delícia das idéias de Bakunin. Três jovens empolgados pelos escritos anarquistas organizaram então uma pequena conspiração que iria notabilizar-se pelos métodos nada ortodoxos do ponto de vista anarquista. Aproveitaram-se das notícias difundidas entre os camponeses de que o Czar amava seu povo e não sabia em absoluto das atrocidades que cometiam em seu nome.

Num distrito perto de Kiev soltaram dois documentos em meio à população camponesa. O primeiro era uma Carta Imperial Secreta na qual o Czar reconhecia os direitos dos camponeses às terras mas lamentava não ter bastante força para obrigar os nobres a ceder suas fazendas e exortava os trabalhadores rurais a formar milícias secretas e ficar de prontidão para a revolta quando soasse o momento. O segundo documento era o Estatuto da Milícia Secreta que trazia instruções particularíssimas para a organização dos rebeldes. Os camponeses caíram na arapuca e a milícia se formou com mais de mil voluntários. Guardaram todo o processo em segredo por mais de um ano até que uma indiscrição colocou a polícia czarista em seu encalço. Centenas de camponeses foram presos e deportados para a Sibéria. Os três responsáveis também foram detidos mas escaparam com a ajuda de um amigo que se empregou como carcereiro na prisão onde estavam.

Entretanto, o que correu bem profundo na Rússia

do século passado foram justamente as idéias libertárias através dos escritos dos exilados anarquistas que tinham seus textos reproduzidos e distribuídos de mão em mão entre os jovens e os conspiradores. Os ácratas russos aprenderam muito com Bakunin e Kropotkin, devem muita coisa a Alexandr Herzen, que foi sempre um socialista, mas também um dos iniciadores de toda tradição revolucionária russa e um dos primeiros a difundir as idéias de Proudhon entre os radicais de Moscou.

No começo dos anos oitenta do século XIX delineou-se a tendência ao terrorismo, herança de Nechaev. Alguns grupos anarquistas não foram contra mas também não participaram dos atentados que perpetraram o famoso grupo *Narodnaja Volja*, responsável pelo assassinato de Alexandre II em 1881. Este golpe selou também uma onda de prisões e exílio e somente nos últimos anos do século XIX formaram-se na Rússia os primeiros grupos declaradamente anarquistas.

Publicaram vários jornais como o *Jleb i Volia* que em 1903 — um ano de grandes fermentações sociais, greves, tumultos no campo, demonstrações estudantis e descontentamento no exército — deu a estas manifestações um sentido libertário.

Em todo caso, até mesmo para os anarquistas foi difícil dizer em que medida estes jornais e grupos colaboraram para o estouro da revolução de 1905. Kropotkin creditou-a apenas à espontaneidade e explosão do descontentamento popular e considerou-se

pego de surpresa pelos acontecimentos anteriores ao “Domingo Sangrento” (quando o exército czarista reprimiu e assassinou centenas de manifestantes), marcados pelo estouro de greves, operários nas ruas, camponeses incendiários e saqueadores; e a humilhação da Rússia nas derrotas frente ao Japão na guerra que começara um ano antes.

Realmente eram poucos os anarquistas ativos durante a revolução de 1905. Paul Avrich diz que o número nunca passou de 200.

No ano seguinte, os anarquistas conseguiram ter grupos em quase todas as grandes cidades russas e o movimento se tornou particularmente forte nos Urais. Em 1907 veio a vigorosa reação oficial e o anarquismo, já dividido, perdeu sua força. Quatro grupos distintos atuaram nesta época: os comunistas-anarquistas, os individualistas, os anarco-sindicalistas e os pacifistas tolstoianos.

Com a Primeira Guerra Mundial a atividade anarquista cessou quase que completamente. Na revolução de outubro de 1917 os anarquistas participaram e sua ação se confundiu com a de todas as forças de esquerda que batalharam para fazer da Rússia uma república soviética. Não obstante, foi preciso que retornassem todos os exilados para que o anarquismo russo, enquanto tal, retomasse o seu brilho.

Não faltaram ocasiões. A princípio os anarquistas divergiram quanto à participação no governo bolchevique, alguns colaboraram ativamente. Rapidamente a grande maioria compreendeu que o governo im-

plantado na Rússia era a ditadura de um partido, absolutamente inconciliável com toda a tradição e os ideais libertários. Afinal de contas, eles sempre combateram qualquer forma de autoridade, e o Estado sempre foi o maior inimigo. Daí ao combate aos bolcheviques foi um passo.

Este combate assumiu várias formas. Separei o episódio da *Machnóvschina* e de *Kronstadt* (apesar deste último não ter sido dirigido diretamente por anarquistas) pela relevância com que se expressaram os sentimentos anárquicos e pela violência dos bolcheviques na sua repressão.

Em abril de 1919, na cidade de Jarkov, reuniram-se anarquistas de todas as tendências — com exceção dos sindicalistas — numa conferência que ficou conhecida depois como Nabat (Alerta) e lançaram o embrião do “anarquismo único” preconizado por um anarquista russo, Voline, que insistia na união dos anarco-comunistas, individualistas e anarco-sindicalistas. Criaram a Confederação de Organizações Anarquistas. Opuseram-se taxativamente ao conceito de ditadura do proletariado, mas concordaram que a investida dos contra-revolucionários “brancos” era um perigo maior para a revolução russa. Decidiram organizar ou apoiar qualquer grupo guerrilheiro que estivesse fora da estrutura oficial do Exército Vermelho. Estavam de olho naquilo que chamavam de “núcleo fundamental” deste novo exército, um bando de guerrilheiros organizados entre as massas camponesas e liderados por um jovem

teimoso, Nestor Machnó. A Conferência de Nabat decidiu também não apoiar nenhum soviete ou sindicato que estivesse sob influência partidária. Propuseram em troca comitês não-políticos aglutinadores de todas as categorias de operários, camponeses ou da população revolucionária em geral.

A *Machnóvschina*, como foi batizada pelos historiadores, começou com a figura deste jovem russo, Nestor Machnó, nascido em 1869, filho de camponeses ucranianos. Bastante ativo na revolução de 1905, quando tomou contato com as idéias anarquistas; conheceu bem as prisões czaristas, onde penou oito anos de trabalhos forçados, depois da comutação de uma pena de morte em virtude de sua participação num ato terrorista que custou a vida de um oficial; somente livrou-se por decreto de anistia do governo provisório em março de 1917. Nesta época voltou para sua terra, a cidade de Guliai-Pole, onde foi nomeado presidente do soviete local. Em agosto deste mesmo ano organizou uma quadrilha de camponeses armados para expropriar as terras dos ricos e distribuí-las entre os desvalidos. Começou aí uma carreira fulminante que iria colocá-lo no posto de um dos mais formidáveis entre todos os chefes do anarquismo.

Na primavera seguinte os bolcheviques assinariam o tratado de Brest-Litovsk e a Ucrânia foi ocupada por tropas austríacas e alemãs.

Machnó ficou profundamente indignado com este compromisso assumido com os inimigos imperialis-

tas alemães. Viajou até Moscou para parlamentar com Kropotkin. Este recusou-se a dar-lhe qualquer conselho mas causou-lhe uma grande impressão. Conferenciou com Lenin e disse-lhe que quem estava fazendo a revolução no Sul eram os anarquistas e os socialistas-revolucionários. O chefe bolchevique fez pouco caso, falou do "fanatismo vazio" dos anarquistas mas ofereceu ajuda para Machno voltar para sua terra. Uma grande surpresa o aguardava. Guliai-Pole estava totalmente ocupada pelas tropas austríacas, sua casa fora invadida e seu irmão executado sumariamente.

Imediatamente Machnó organizou, sob a bandeira negra do anarquismo, mais um destacamento guerrilheiro e atacou os ocupantes, tomandô a cidade. Em novembro foi beneficiado pelo armistício e conseqüente retirada das tropas, o que lhe rendeu grande quantidade de armas e munições. Partiu então para cima dos seguidores do líder nacionalista ucraniano Petliura e os expulsou da região de Ekaterinoslav, para perder a posição pouco depois para o mesmo Petliura que, por sua vez, foi posteriormente arrasado pelo Exército Vermelho.

Nos primeiros meses de 1919 manteve relações amistosas com os bolcheviques sendo continuamente saudado pela imprensa soviética. Em março deste mesmo ano o seu Exército Insurgente da Ucrânia aceitou um acordo com o Exército Vermelho para combater as tropas brancas do General Denikin que marchava sobre Moscou, onde não chegou pois so-

freu um sério revés provocado pelos homens de Machnó. Nesta união temporária, os machnovistas exigiram uma cláusula que preservasse sua independência organizativa com relação aos vermelhos.

Convocaram o 3.º Congresso Regional e o mesmo foi proibido pelo Exército Vermelho sob a alegação de ser contra-revolucionário. O congresso se reuniu e daí em diante as relações nunca mais foram muito amistosas entre ambas as partes.

Para os bolcheviques os outrora valorosos combatentes ucranianos se transformaram em "anarco-bandidos" ou simplesmente "bandidos" como os qualificava Trotsky. Em abril os bolcheviques ordenaram também o cessar das atividades da Nabat. Em maio foram capturados e executados agentes da Cheka, a polícia secreta bolchevique, que tinham por missão o assassinato de Machnó. Em julho vários anarquistas reuniram-se ao quartel-general de Machnó em Guliai-Pole.

A ruptura final ocorreu com a convocação do 4.º Congresso Regional pelos Machnovistas que convidaram os soldados de base do Exército Vermelho a participar. Trotsky ficou literalmente possesso e decretou a proibição do congresso colocando Machnó fora da lei, acusando-o de alta traição e combate ao poder dos soviets na Ucrânia. Ordenou a captura dos delegados do congresso.

No final de 1919, raposamente, mandou instruções táticas a Machnó para que se deslocasse com seu exército até os combates na frente polonesa, ten-

tando tirar Machnó dali e partir para a bolchevização definitiva da Ucrânia. Machnó recusou-se a cumprir a ordem e o Exército Vermelho dispôs-se a marchar sobre as forças do insolente desobediente.

A batalha de guerrilhas teve início e nela somente os insurgentes machnovistas levaram a melhor. Sua extrema flexibilidade permitia que se deslocassem até 100 km por dia e oferecessem ativa resistência aos vermelhos.

Durante os três anos que vingou a iniciativa machnovista, a Ucrânia assistiu pela primeira vez na história — segundo Daniel Guérin — à plenitude dos princípios do comunismo libertário. Até maio de 1919, pelo menos, nenhuma autoridade externa teve poder ali. Os camponeses cultivaram as terras tomadas e se agruparam em comunas livres. Todos deviam trabalhar, homem, mulher ou criança. Os chefes eram eleitos e se revezavam. Cada comuna ou soviete livre realizava somente os desejos de seus executores. Estas unidades de produção eram federadas em distritos (e estes em regiões) integrados por um sistema econômico conjunto independente de qualquer partido político. A autogestão foi praticada. Voline, Barón e Ashinov publicaram um jornal e organizaram uma Comissão de Cultura e Educação; conferenciavam às tropas e planejaram escolas de acordo com os métodos de Francisco Ferrer (um educador espanhol anarquista), tendo como base a espontaneidade e a independência entre os alunos; abriram um teatro experimental e prepararam um programa de

educação para os adultos. Cada comuna era composta de mais ou menos 200 casas num total de 300 pessoas. A primeira comuna recebeu o nome de Rosa Luxemburgo e o soviete livre local garantia a cada uma o gado e as ferramentas agrícolas confiscadas aos nobres e latifundiários. O Exército Insurgente, que chegou a ter quase 50 mil homens ativos, garantia cada comuna.

As experiências comunitárias urbanas não deram certo, em parte pela pouca disposição de Machnó com relação às cidades pois sempre exaltara a simplicidade do campo e via nele o único lugar possível para suas realizações.

Entretanto, em detrimento de toda sua terminologia libertária, seu exército foi assim somente no nome. Woodcock ressaltou o grande domínio que ele e seus comandantes exerciam sobre a massa insurgente. Voline, em sua monumental *A Revolução Desconhecida*, pintou-lhe um caráter magnânimo e formidável apesar de sua queda pelo álcool que o fez, inúmeras vezes, perder a cabeça.

Machnó e o Exército Vermelho, no seu entrevero, encontraram nova trégua quando combateram conjuntamente as tropas brancas do Barão Wrangel, sucessor de Denikin, na segunda metade de 1920. As forças insurgentes de Machnó massacraram-no.

Em novembro deste ano o cérebro de Trotsky realizou uma de suas maiores façanhas. Convidou os oficiais do exército machnovista para um conselho militar na Criméia a fim de conversar e comemorar

a vitória sobre Wrangel. Não passava de uma insidiosa e horrenda cilada. Quando chegaram à Criméia os oficiais machnovistas foram imediatamente encarcerados pela Cheka e sumariamente fuzilados. Concomitantemente, Trotsky jogou seus homens sobre Guliai-Pole, que resistiu bravamente durante nove meses. Em agosto de 1921 Machnó e alguns amigos conseguiram fugir para Paris através da Romênia, onde Nestor Machnó reconquistou a liberdade e sobreviveu amargamente, trabalhando como operário metalúrgico, tuberculoso e alcoolizado, até 1935. Alguns amigos espanhóis salvaram-no da morte pela fome.

O outro episódio, este mais conhecido, que desnuda a intolerância bolchevique frente às iniciativas antiautoritárias dentro da União Soviética foi o protagonizado pelos marinheiros e trabalhadores da ilha de Kotlin que formavam a base naval de Kronstadt, distante 30 km de Petrogrado nas águas gélidas do golfo finlandês.

Corria a guerra civil na Rússia em 1921. A fome, o caos na indústria, a insatisfação política levaram à eclosão de greves em Petrogrado, Moscou e outras cidades. Os trabalhadores, nas ruas, solicitavam mais comida, mais combustíveis e mais meios de transportes. Pediam a supressão dos "Batalhões de Trabalho" de Trotsky; a reparição dos soviets e comitês de fábrica livres; liberdade de palavra; restauração da Constituinte; supressão da polícia secreta e a liberação imediata dos presos políticos.

Uma delegação de marinheiros e trabalhadores de Kronstadt dirigiu-se a Petrogrado para levar solidariedade aos grevistas e foi obrigada a retroceder. Realizaram então na Praça da Âncora em Kronstadt duas grandes assembléias apoiando as reivindicações dos grevistas e adiantando outros pedidos.

Não existia exatamente nenhum anarquista desempenhando papel de liderança em Kronstadt, mas os slogans formulados traziam fortes características libertárias (como "onde há autoridade não há liberdade"). Pediram o fim do trabalho obrigatório, a restauração do controle operário, a substituição do Exército Vermelho por grupos guerrilheiros autônomos e clamaram pela destruição da "comissariocracia". Fizeram chacotas de Lenin e Trotsky e exigiram a imediata restauração das liberdades e eleições livres para todos os órgãos da democracia soviética.

Imaginem a surpresa dos chefes comunistas. Verem-se criticados exatamente pelos trabalhadores e marinheiros de Kronstadt que haviam dado um vigoroso impulso à revolução em 1917. A reação foi instantânea. Trotsky chamou a si a direção das operações. Bradou no microfone aos amotinados: "Se persistirem na vossa atitude, caçar-vos-emos como perdizes". E caçou mesmo. Alexandr Berkman — que junto com Emma Goldman e mais dois anarquistas se ofereceram para mediar o conflito, inutilmente — contou que de Petrogrado podia-se ouvir o ruí-

do surdo dos canhões vermelhos transformando Kronstadt num matadouro, numa orgia de sangue.

Num último apelo os sitiados proclamaram: "Que o mundo o saiba! O sangue dos inocentes cairá sobre a cabeça dos comunistas sedentos de poder! Viva o poder dos soviets!". A 18 de março de 1921 estava debelada a rebelião na ilha e os trabalhadores em Petrogrado sob o jugo da lei marcial impossibilitados de qualquer reação.

No fim do ano seguinte os anarquistas que restavam na Rússia estavam na cadeia ou mortos. A maioria tinha-se exilado e os que permaneceram e não foram detidos reduziram-se a um completo mutismo.

Na França

"Vive l'anarchie." Assim Ravachol, ou melhor Koenigsten, acolheu sua sentença de morte. O ex-ladrão, ex-contrabandista e ex-falsário sem sucesso e depois anarquista de sucesso subiu os degraus que o levaram à guilhotina recitando versos anticlericais. Sua importância, como notou Barbara Tuchman, não reside em suas bombas, mas na sua execução. A partir dela Paris ouviria constantemente o estribilho "Chegará, chegará. Cada burguês sua bomba receberá!"

Mas não foi Ravachol o pai do "terror anarquista" na França. Vale a pena lembrar um pouco da

história da terra de Proudhon, de onde seus discípulos impulsionaram a I Internacional; pela primeira vez se desenvolveu o anarco-sindicalismo; o individualismo anarquista, no terrorismo, alcançou as mais sinistras proporções e os poetas, escritores e pintores se influenciaram perdidamente pela doutrina ácrata no apoteótico fim de século.

Na metade do século passado, à parte Proudhon e seus discípulos, desenvolveram-se na França numerosas correntes anarquistas. Destas se destacaram a de Ernest Coeurderoy, um apaixonado da destruição, e a de Joseph Déjacque, um dos precursores da posterior "propaganda pela ação".

Mas, até o final dos anos setenta do século XIX, prevaleceu na França a doutrina mutualista, como já foi visto no capítulo anterior. Perderam sua influência depois para as idéias coletivistas, através dos bakuninistas franceses: Elisée Reclus, Benôit Malon, Albert Richard e outros. Foi visto também o fiasco da Comuna de Lyon, levado a cabo diretamente por Bakunin. Mas não pararam em Lyon as pretensões comunitárias e os anarquistas jogaram tudo na Comuna de Paris.

Woodcock anota muito bem que a Comuna de Paris foi marcada por um fato singular: não foi blanquista, nem anarquista, nem marxista e sua história se mesclou com a de todas as correntes políticas de seu tempo. Com a queda da Comuna em 1871 veio a perseguição à Internacional dos anarquistas, declarada subversiva e posta na clandestinidade, provo-

cando o exílio de toda a turma libertária.

Somente no final dos anos setenta os diversos grupos tentaram a unificação do seu movimento. O ano de 1879 marcou a anistia aos participantes da Comuna, a revigoração das diversas tendências políticas e o conseqüente aprofundamento das divergências.

Em 1881 um movimento declaradamente anárquico iniciou sua carreira independente na França. O prestígio do anarquismo nesta época, um pouco antes das dinamites, deveu-se menos a suas ações do que à eminência dos intelectuais que professavam sua doutrina. Estavam no auge de suas produções: Sébastien Faure, filósofo e pedagogo; Émile Pouget, diretor do corajoso e influente periódico *Père Peinard*; Jean Grave, jornalista; Louise Michel, líder feminina e participante ativa da Comuna de Paris; e Elisée Reclus, geógrafo.

De 1881 até 1894 a burguesia francesa, os poderosos e vários "inocentes" sofreriam na carne e no espírito as agruras da violência política que congregou uma exígua minoria entre os anarquistas, mas provocou um enorme tumulto e muita sedução. Os historiadores creditaram o sucesso da violência política na França também à sinistra influência de um delegado de polícia, Louis Andrieux, e de um agente provocador belga conhecido por Serreaux, cujo nome verdadeiro era Égide Spilleux. Este último infiltrou-se entre os grupos parisienses e defendeu eloqüentemente a violência. Com um dinheiro arrumado pela polícia ajudou a fundação de um jornal li-

bertário, enganando Elime Gautier, Jean Grave, Elisée Reclus, Kropotkin e Malatesta.

Quase todos os atentados violentos franceses foram obra de apenas uma pessoa ou, no máximo, três. No primeiro ato de violência, tentaram explodir uma estátua de Thiers em Saint-Germain mas é quase certo de que não passou de maquinação de Andrieux e Serreaux. Na primavera de 1884 vingou o primeiro assassinato: um jardineiro, Louis Chavés, decidiu perpetrar um ato heróico de propaganda anarquista: matou a madre superiora que o hospedara num convento. Chavés morreu sob os golpes da polícia que o foi prender. Uma organização pequena autodenominada Banda Negra executou na região da pequena cidade mineira de Montceu-les-Mines, ao som das marteladas nos sinos, uma série de atos anti-religiosos e incêndios em capelas, vilarejos e escolas. Presos, nada se provou contra eles. O governo francês, porém, achou que se preparava uma enorme insurreição sob os auspícios da finada Internacional de Saint-Imier e começou a prender todos os anarquistas. Em 1883 promoveu em Lyon o célebre processo contra 65 libertários.

No mesmo ano, Louise Michel e Émile Pouget guiaram aproximadamente 500 manifestantes nos Invalides contra as ações ilegais do governo na perseguição aos anarquistas. Dispersos, correram pela Rue des Canettes gritando "Pão, trabalho ou chumbo!" e saquearam uma padaria e alguns negócios. Atacados pela polícia, recuaram. Presos, Louise Michel e

Pouget foram condenados. Frente à violenta indignação da opinião pública o governo foi forçado a anistiá-los em conjunto com os condenados no processo de Lyon.

Ficaria por conta de Ravachol a estréia de mais uma fase violenta de março de 1892 a junho de 1894. No entretanto foram cometidos onze atentados a dinamite com um saldo de nove mortes. Na Sérvia, o ministro residente foi gravemente ferido, o presidente da república apunhalado e morto, quatro assassinos justicados. O país inteiro tremia e os instrumentos postos em ação pelo Estado destruíram a imprensa libertária, processaram os líderes e dispersaram todos os grupos autônomos.

Contrapondo-se ao individualismo exacerbado, o tradicional comunismo-anárquico reagiu opondo à "propaganda pela ação" a propaganda pela palavra; experimentou e inovou, foi para o campo e criou colônias anarquistas (algumas comunidades sobreviveram até 1940) e fundou escolas libertárias como a conhecida *La Ruche* de Faure.

A reação ao individualismo não ficou por conta somente dos tradicionais anarco-comunistas kropotkinianos. O ano de 1894 assinalou o início da escalada do anarco-sindicalismo que, no início, conviveu amigavelmente com os anarco-comunistas e depois substituiu-os enquanto corrente dominante no movimento libertário. O apogeu de sua influência entre os trabalhadores franceses seria marcado pela famosa *Charte d'Amiens*, de 1906, onde se procla-

mou a completa autonomia do movimento sindicalista e negava-se qualquer solidariedade política aos partidos de esquerda e de direita. Aos poucos, a partir de 1908, após uma série de greves desastrosas e prisões de líderes, os sindicatos nacionais, menos radicais, foram conquistando o poder da Confederação Geral dos Trabalhadores, até então dominada pelos anarco-sindicalistas. Com a guerra vieram também as divergências entre os anarquistas com respeito ao militarismo, e, com a Revolução Russa, a desagregação total dentro da CGT.

Somente em 1920 os anarquistas tentaram uma reaproximação mais duradoura e criaram a União dos Anarquistas Franceses — UAF, reagrupando todas as tendências dispersas. O jornal *O Libertário*, órgão desta associação, saíria diariamente de 1923 a 1925. Novas amarguras e dispersões aguardavam os libertários com a ascensão do fascismo europeu.

Os exilados russos em Paris (Piotr Archinof, Nestor Machnó e Ida Mett entre outros) tentaram em conjunto com Sébastien Faure criar uma nova Plataforma de Organização Geral dos Anarquistas. A UAF foi o palco destas tentativas. Em síntese, eles queriam unificar os individualistas, os anarco-comunistas e os anarco-sindicalistas. Sébastien Faure, a exemplo de Voline na Rússia, teorizou a respeito desta união e escreveu a *Síntese Anarquista*. Mas o projeto de união acabou levando os anarquistas a uma cisão entre os organizacionais e os antiorganizacionais. De 1926 até os dias de hoje o anarquismo



Emma Goldman (1869-1940).



Louise Michel (1830-1905).

francês viu e participou de várias cisões que criaram siglas e mais siglas ou pequenos grupos. Alguns aceitaram a síntese anarquista, outros a repudiaram. Mas, organizativamente, nada permaneceu de muito concreto e as grandes manifestações antiautoritárias, como no caso da revolta estudantil em maio de 1968, pouco tiveram a ver com os tradicionais núcleos anárquicos. Em junho de 1977 em Toulon um congresso parecia tirar do estancamento a Federação Anarquista Francesa – FAF, reconstituída em dezembro de 1953 sob o princípio da pluralidade de tendências.

Na Itália

Os herdeiros de Malatesta assistiram atônitos o enfraquecer do anarquismo na Itália depois da II Guerra Mundial. Fracassada a reconstrução imediata da União Sindical Italiana – USI, os debates deslocaram-se apenas para o nível ideológico; e o tradicional humanismo anarquista, de cunho malatestiano, influiu e orientou os anarquistas apenas em suas preocupações organizativas em detrimento do sindicalismo-anarquista, que via o reformismo dominar totalmente as organizações dos trabalhadores. Este reformismo pode ser traduzido assim: lutas esporádicas apenas por reivindicações imediatas sem nenhum conteúdo mais radical ou profundamente revolucionário.

Um pouco antes de 1968 os anarquistas italianos impulsionaram decisivamente o seu movimento através do *Umanità Nova*. Criaram a Federação Anarquista Italiana – FAI, que procurou um pacto federativo entre os humanitaristas, os anarco-comunistas e os sindicalistas. Em 1965 começaram as cisões dentro da FAI e dela surgiram os Grupos de Iniciativa Anárquica – GIA, uma pequena federação de grupos de orientação pacifista em defesa da autonomia pessoal e contra a participação em qualquer órgão do sistema, os sindicatos inclusive.

Outra cisão provocou o nascimento dos GAF – Grupos Anarquistas Federados, que resistiram até 1967, tentando criar uma base teórica para os grupos de afinidade.

Outra corrente paralela foi a formada pelos “Comunistas libertários” ou anarco-comunistas centrados sob a antiga plataforma organizativa elaborada pelos exilados russos na França. Em conjunto com outros grupos anarco-comunistas organizados fora da FAI, os “comunistas libertários” formaram núcleos de defesa sindical nos bairros e nas fábricas.

Os anarco-sindicalistas são ainda fortes sobretudo na Toscana e trabalham na reconstrução de uma oposição sindical revolucionária dentro dos sindicatos existentes e considerados reformistas.

A ascensão dos “autônomos” foi marcada principalmente em 1977 com a ocupação das universidades pelos estudantes. Defendiam a autonomia na escola e nas fábricas. Apoiaram as reivindicações fe-

ministas, apoiaram os grevistas e os marginalizados de qualquer espécie: presos, homossexuais, ecologistas etc. Num congresso em setembro de 1977 em Bolonha reuniram-se mais de 40 mil jovens. Dormiram nas praças, solidarizaram-se na comida através das cooperativas agrárias, tocaram música, levaram jogos e esportes por toda a cidade e denunciaram vigorosamente a violência policial.

Tanto hoje como no século passado a Itália continua assumindo características particularíssimas quanto aos seus movimentos libertários. Antes da chegada de Bakunin a Florença os historiadores detectam manifestações antiautoritárias entre os ex-mazzinistas e ex-garibaldinos. O primeiro jornal socialista italiano, *Il Proletario* era proudhoniano apesar de sua pouca influência posterior. Mas um dos líderes do “Rissorgimento”, Carlo Pisacane, foi quem difundiu as idéias de Proudhon e portava claramente aspirações de caráter libertário.

A Fraternidade Internacional de Bakunin assinalou ao mesmo tempo o nascimento do anarquismo na Itália e o seu internacionalismo. O seu primeiro time foi de personalidades célebres entre os anarquistas de todo o mundo: Giuseppe Fanelli, veterano de 1848 na França e retirado do parlamento italiano por Bakunin, foi quem praticamente fez brotar o anarquismo na Espanha como enviado oficial da ala antiautoritária da I Internacional. Saverio Friscia, médico homeopata, um dos membros mais importantes da Fraternidade. Carlo Gambuzzi, amante da

mulher de Bakunin, advogado napolitano, íntimo do próprio Bakunin e fiel colaborador. Alberto Tucci, membro da cúpula internacional da Fraternidade, napolitano.

A partir de 1869 firmou-se na Itália um influente movimento anarquista. A princípio com muita força no centro do país depois revigorado com a adesão de mais de 4 mil membros na região napolitana e posteriormente adesões na Campania e na Sicília. Em 1871 alguns jovens entraram em cena. Eram eles: Malatesta, Carlo Cafiero e Carmello Palladino, todos com pouco mais de 20 anos e uma fantástica disposição para os combates libertários. Com o crescimento da Internacional cresceu também o apoio dos italianos a Bakunin contra Marx e Engels. O centro maior das atividades anarquistas foi a Romagna sob a batuta de Andrea Costa.

Em 1873 o governo reprimiu e prendeu vários delegados de um congresso nacional anarquista em Bolonha. Neste congresso a principal resolução exortava a propaganda libertária no seio dos 14 milhões de camponeses da Lombardia e região Meridional que passavam fome e febre. Durante o ano de 1874 os internacionalistas registraram 30 mil membros efetivos na Itália. Em 1876 Carlo Cafiero e Malatesta partiram para o campo aberto da luta revolucionária e passaram a propor a "propaganda pela ação" como tática para os anarquistas de todo o mundo. Esta nova doutrina dominou as atividades dos anarquistas na Europa até 10 anos antes do fim do sécu-

lo. Conforme salientou Andrea Costa, também um dos primeiros impulsionadores do novo credo, a ação violenta era necessária, principalmente na Itália, para iluminar o novo ideal entre os velhos garibaldinos e mazzinistas que estavam esmorecendo. Criaram organizações secretas e planejaram insurreições em diversas regiões italianas, todas fracassadas, o que acarretou várias prisões e o estancamento das atividades anarquistas durante muito tempo — apesar da simpatia popular que encontraram os anarquistas, principalmente contra o reinado de Vittorio Emanuele.

Aos poucos os italianos esqueceram o coletivismo bakuniniano e passaram ao comunismo anárquico. Ao mesmo tempo, em 1878, começaram os atos de violência. Um cozinheiro, Giovanni Passamante, tentou golpear o novo Rei Umberto; um dia depois explodiu uma bomba matando 4 pessoas num cortejo monárquico em Florença e daí a dois dias foi detonada outra bomba em Piza. Intensificaram os atentados, as mortes e as prisões entre os anarquistas.

Andrea Costa desertou das lides libertárias e se elegeu para a Câmara dos Deputados, ajudando logo depois na fundação do Partido Socialista Italiano.

Carlo Cafiero, em 1882, conclamou os anarquistas a entrar massivamente na Social-Democracia. O proletariado italiano partiu quase em bloco em apoio ao socialismo parlamentar e os anarquistas ficaram reduzidos a uma progressiva minoria. Sobreviveram em função das atividades incansáveis de Saverio Merlino

e Malatesta. Como na França e na Espanha, o começo do século assistiu na Itália ao reviver das aspirações libertárias através do anarco-sindicalismo e em 1912 um congresso em Bolonha fundou a USI em oposição aberta à Confederação Geral do Trabalho. Em 1919 a USI tinha 500 mil membros, apesar dos esforços de Malatesta em reviver um anarquismo mais ortodoxo em oposição aos anarco-sindicalistas.

A Primeira Guerra Mundial e depois o fascismo criaram um longo hiato do qual o anarquismo italiano não sairia com a mesma participação massiva e influente de antes.

Na Espanha

A Espanha foi o único país do mundo no qual as teorias revolucionárias de Bakunin se converteram em um poder real. A afirmação é de H. M. Enzensberger em *O curto verão da anarquia*, uma espécie de biografia de Buenaventura Durruti, um dos mais importantes líderes anarquistas espanhóis. Daniel Guérin considera os anarquistas espanhóis os herdeiros espirituais de Bakunin. Os dois têm razão e poderia ser acrescentado que na Espanha o anarco-sindicalismo alcançou seus maiores momentos.

Mas o ódio aos poderosos tem uma história bem maior e mais interessante na Espanha, muito antes da chegada de Fanelli, o emissário eloqüente de uma doutrina brava, calorosa e criativa.

Nos anos quarenta do século passado o parlamento espanhol produziu entre os camponeses uma verdadeira revolução ao confirmar a posse das terras aos "novos fazendeiros" citadinos, desapropriando as pequenas propriedades. Os camponeses, defendendo-se daqueles que vinham de longe tomar suas terras, armaram-se e criaram uma das formas mais primitiva de defesa: o bandoleirismo. Isto obrigou a nova "classe" de fazendeiros a desenvolver uma espécie de exército de ocupação das terras dando início a uma permanente guerra de guerrilhas.

Segundo os historiadores, as insurreições seguiam um roteiro prefixado: os camponeses matavam os guardas civis, seqüestravam os padres e funcionários, incendiavam as igrejas, queimavam os registros cadastrais e os contratos de arrendamento, aboliam o dinheiro, declaravam-se independentes do Estado, proclamavam comunas livres e exploravam coletivamente a terra. Tudo isto na melhor tradição, embora muito antes, dos ensinamentos libertários.

Max Nettlau nota a propósito que em 1845 um discípulo proudhoniano, Ramón de La Sagra, considerado o primeiro anarquista espanhol, fundou em Coruña o jornal *El Porvenir*, fechado imediatamente pelas autoridades, mas que pode ser considerado o

primeiro entre todos os jornais anarquistas.

Isolada da Europa, com fortes características conservadoras e ao mesmo tempo revolucionárias, a Espanha produziu um potente movimento anarquista entre os operários de Barcelona, Madrid e sobretudo entre os camponeses da Andaluzia, Aragão, Levante e Galícia.

Antes do aparecimento dos bakuninistas aconteceram greves em Barcelona, tumultos em Madrid, sublevação de camponeses e insurreições rurais na Catalunha, Aragão e Valencia. Em setembro de 1868 os espanhóis forçaram o exílio da Rainha Isabella, quando começou imediatamente a história de ouro do anarquismo espanhol. Em outubro, aproveitando um período de grandes fermentações sociais, Fanelli disseminou entre os jovens intelectuais e operários das cidades as idéias antiautoritárias defendidas dentro da I Internacional. A adesão foi quase unânime e imediata. Apareceram os primeiros jornais e as primeiras seções da Internacional em Andaluzia, Valencia e na Espanha setentrional. No ano de 1870 fundou-se a Federação Espanhola da Internacional com a presença de 90 delegados em Barcelona. Dois anos depois, apesar das gestões contrárias do genro de Marx, os anarquistas tomaram as mesmas decisões da Internacional de Saint-Imier, descentralizando as seções locais que ganharam plena autonomia e criaram um escritório central apenas para correspondência e estatística. Na proclamação da república, em 1873, a Federação Espanhola esta-

va com 50 mil membros.

Após a efêmera e desafortunada presidência do federalista Pi y Margall — com a abstinência política dos anarquistas —, o exército tomou o poder e suspendeu a Federação Espanhola da Internacional, prendeu anarquistas e obrigou muitos a se exilarem. Na clandestinidade, porém, os anarquistas continuaram atuando com relativo sucesso.

Em 1878 um jovem consertador de barris tentou assassinar Alfonso XII. A repressão contra-atacou violentamente e provocou greves na Catalunha e incêndios nas fazendas de Andaluzia. Em 1881 um ministério mais liberal legalizou as organizações operárias e a seção espanhola da Internacional voltou às claras mas a onda de violência implantada por alguns grupos que se diziam anarquistas levou-a novamente à clandestinidade um ano depois. Como na França e na Itália, a Espanha do último decênio do século passado presenciou insurreições, bombas detonadas e assassinatos. Ao mesmo tempo os anarquistas espanhóis dividiam-se em comunistas-anarquistas (sustentando a necessidade de levar adiante a propaganda pela ação) e coletivistas (fiéis à linha política da finada Internacional, favoráveis às vastas organizações operárias guiadas pelas elites de anarquistas convictos). Estas duas correntes persistiram divididas mas mantendo relações amigáveis até 1940.

O movimento sindical espanhol nasceu da ala coletivista totalmente revigorada a partir do finzinho do século. A importância da greve geral na revolução

foi imediatamente aceita pelos libertários espanhóis. Várias insurreições fracassadas e a morte de muitos militantes nos confrontos abertos contra a polícia desnudaram a necessidade de uma forte organização de luta. Em outubro de 1910, em Sevilha, num histórico congresso, os representantes dos sindicatos de toda a Espanha fundaram a CNT – Confederação Nacional do Trabalho, faltando-lhes apenas o apoio dos socialistas, federados anteriormente na UGT – União Geral dos Trabalhadores.

Inspirada diretamente na CGT francesa, a CNT destacou-se logo da irmã mais velha principalmente porque os anarquistas souberam tomá-la nas mãos rapidamente sem perder seu controle. Fundou-se sobre os sindicatos locais únicos de cada cidade, organismos nos quais se reuniam operários de todos os tipos. A CNT evitou a criação de uma burocracia permanente. Até 1936 existiu somente um funcionário pago para toda a organização que chegou a ter um milhão de militantes ativos. Em 1912 o *premier* Canalejas declarou ilegal a CNT. Um anarquista matou-o. Quatro anos depois a CNT voltou à legalidade e obteve um relativo sucesso durante a Primeira Guerra. Em 1917 apoiou a UGT numa greve geral fracassada e devido às suas posições e à Revolução Russa adquiriu mais prestígio. Cortejada pela III Internacional a CNT foi receptiva no início. Entretanto, frente às perseguições bolcheviques aos anarquistas russos retirou-se da III Internacional reafirmando sua fé no socialismo libertário e aderiu em

1923 à recém-fundada Associação Internacional dos Trabalhadores. Durante o início da ditadura de Primo de Rivera a CNT dispôs-se a usar qualquer meio para apressar a revolução. Tempos de Durruti e Ascaso. Muita violência e um longo período de clandestinidade dos anarquistas.

Dissolvida por ordem de Primo de Rivera, a partir de maio de 1924 a CNT cessou suas atividades. Seus membros entraram para os sindicatos livres.

Reunidos secretamente, em 1927 em Valencia, representantes de diversos grupos anarquistas fundaram a FAI – Federação Anarquista Ibérica, uma organização clandestina destinada a preparar a revolução. Seus membros, posteriormente, ocuparam todos os cargos relevantes dentro da CNT e tentaram destes postos impulsionar revolucionariamente cada manifestação da CNT que voltara a atuar.

Com a queda de Primo de Rivera em 1930 todos os grupos políticos, incluindo os anarquistas, lutaram pela república, cada qual ao seu jeito. E mesmo sob a república os anarquistas continuaram com as greves e reivindicações radicais deixando bem claro quais seus objetivos. Sob o comando da FAI perpetraram uma série de pequenas insurreições, atentados às igrejas e distribuíram terras aos camponeses exigindo a reforma agrária. De dentro da FAI, Durruti e Garcia Oliver mantiveram o controle sobre a CNT mesmo à custa da divergência de velhos líderes.

Em maio de 1936, num congresso em Saragoza, recusaram-se em atuar junto com os socialistas e

continuaram sua política de manter o país num permanente estado de expectativa e agitação. A revolução, no entender dos cenetistas, era iminente. Com a revolta dos generais em julho de 1936, estourou a guerra civil. No primeiro período a CNT e a FAI estiveram entre os grupos dominantes da Espanha republicana, tendo participado, imaginem, inclusive do governo. A partir de 1937 perderam a influência para os comunistas e dois anos depois toda a Espanha caiu sob o jugo de Francisco Franco.

Como ressalta George Woodcock, as razões para o insucesso dos anarquistas na Espanha, tanto no plano militar quanto no plano político, estão no fato de que eles não podiam permanecer fiéis à sua doutrina e ao mesmo tempo participar do governo e da guerra total.

Em compensação, os anarquistas podem somar aos seus lauréis uma vitoriosa experiência durante a guerra civil: praticaram com sucesso extraordinário a coletivização industrial e agrícola, realizando na prática a autogestão na Espanha.

Muito ainda se tem a dizer sobre as múltiplas formas sob as quais se desenvolveu o anarquismo em outras partes do planeta. Nada devem em criatividade às experiências espanholas, francesas ou russas, por exemplo. E nada perdem em termos de perseguições, detenções, mortes ou exílio. Juntamente com a história destas idéias e expedições deflagradas por alguns anarquistas, como foi visto neste livro, correu bem profunda a história do anarquismo em

toda a Europa, na China, no Japão, nas Américas...

Nas Américas

A América Latina conheceria os ideais anárquicos no fim do século passado, por idéia e obra dos imigrantes italianos e espanhóis, principalmente. Os primeiros grupos chegaram ao México, Cuba e Argentina no começo de 1870. Estes três países mais o Uruguai estiveram presentes no último congresso da Internacional de Saint-Imier em 1877.

Até 1920 a maior parte dos sindicatos do México, Brasil, Peru, Chile, Uruguai e Argentina estiveram sob a orientação geral dos anarco-sindicalistas e prestigiaram a CNT espanhola.

No Brasil, um dos poucos historiadores libertários, Edgar Rodrigues, exalta, antes da chegada dos imigrantes anarquistas, o caráter anárquico dos famosos quilombos criados pelos escravos evadidos das fazendas. Nos quilombos tudo era de todos: terras, produção agrícola e os produtos artesanais. Cada um retirava segundo as suas necessidades.

Depois, por volta de 1890, o sul do Brasil assistiria a uma curiosa e fracassada experiência de comunidade anarquista, a Colônia Cecília, fundada por Giovanni Rossi e imigrantes italianos em terras doadas por D. Pedro II exclusivamente para uma experiência comunitária.

No fim do século passado e no começo deste chegaram vigorosas as aspirações anarquistas no Brasil com Neno Vasco, Gigi Damiani, Oresti Ristori, José Saul e outros. A greve geral de 1917 foi em grande parte comandada pelos anarquistas e a infinidade de jornais libertários da época atestam a força e a organização alcançada no Brasil.

Mas, inegavelmente, perderam influência entre a classe operária brasileira a partir de 1922 com a fundação do Partido Comunista do Brasil. No ano de 1946 celebrou-se ainda um congresso anarquista, desprestigiado pela geração mais velha. Dois bravos periódicos anarquistas haviam reaparecido um pouco antes, *Ação Direta* e *A Plebe*. Com o golpe de 1964 o que ainda existia de anarquismo praticamente acabou.

Hoje sobrevive apenas a editora *Mundo Livre* no Rio de Janeiro que edita anarquistas brasileiros e estrangeiros além da história do anarquismo. Na Bahia edita-se um jornal bimensal, *O Inimigo do Rei*, que se autodefine como "antimonarquista" e prega idéias libertárias.

Não se pode falar de anarquismo no Brasil sem mencionar o nome de Edgard Leurenroth e José Oiticica, ambos falecidos, mas cujos livros, depoimentos e documentos são de um valor inestimável na tradição libertária brasileira.

Enfim — Nestor Machnó na Rússia, Bartolomeo Vanzetti e Nicola Sacco nos EUA, Giovanni Rossi no Brasil, Federica Montseny na Espanha, ou os



*Lima Barreto (1881-1922).
Um libertário brasileiro caricaturado por Hugo Pires em 1919.*

Índios Metropolitanos na Itália, como a maioria dos libertários — quando tentaram explodir suas realidades, os anarquistas sabiam, como Merleau-Ponty, que não se podia olhar de frente a história da mesma maneira que não se podia olhar de frente a natureza, porque ela nos envolve.

Ninguém, mais do que os libertários, olharam para a história como o *Angelus Novus* de Paul Klee, como disse Walter Benjamin; um quadro que “representa um anjo como se estivesse a ponto de distanciar-se de algo que o deixa pasmado. Seus olhos e boca estão desmesuradamente abertos, as asas estendidas. E este deverá ser o aspecto do anjo da história. Tem o rosto voltado para o passado. Onde nós vemos simplesmente uma seqüência de datas ele vê uma catástrofe única que amontoa incansavelmente ruína sobre ruína, arrojando-as a seus pés”.

Assim também os anarquistas, envolvidos pela catástrofe e pasmados ante a barbárie que o próprio homem produziu.

BIBLIOGRAFIA

- Arvon, Henry. **História breve do anarquismo**, Verbo, Lisboa, 1966.
- Avrich, Paul. **Los anarquistas rusos**, Alianza, Madrid, 1974.
- Bakunin, Miguel. **Obras Completas**, 3 volumes, La Piqueta, Madrid, 1977.
- Carr, E. H. **Bakunin**, Grijalbo, Barcelona, 1972.
- Chomsky, Noam. **USA: Mito, realidade, acracia**, Ariel, Barcelona, 1978.
- Cole, G.D.H. **História del pensamento socialista**, vol. II — **Marxismo y anarquismo (1850 — 1890)**, Fondo de Cultura Económica, México, 1975.
- Enzensberger, Hans M. **El corto verano de la anarquía — Vida y muerte de Durruti**, Grijalbo, Barcelona, 1977.
- Guérin, Daniel. **Anarquismo — Da doutrina à ação**, Germinal, Rio de Janeiro, 1968.
- _____. **Para um marxismo libertário**, Proyección, Buenos Aires, 1973.
- Horowitz, Irving Louis. **Los anarquistas — La teoría**, Alianza, Madrid, 1977.
- _____. **Los anarquistas — La práctica**, Alianza, Madrid, 1977.
- Joll, James. **The anarchists**, Eyre & Spottiswoode, Londres, 1964.
- Kropotkin. **Panfletos revolucionários**, Ayuso, Madrid, 1977.
- Malatesta, Errico. **Socialismo y anarquía**, Ayuso, Madrid, 1975.
- Marx, Engels, Lenin. **Acerca del anarquismo y el anarco-sindicalismo**, Progreso, Moscou, 1976.
- Tarizzo, Domenico. **L'Anarchie - Histoire des mouvements libertaires dans le monde**, Seghers, Paris, 1978.
- Vega, Luis Mercier. **Anarquismo ayer y hoy**, Monte Avila, Caracas, 1970.
- Woodcock, George. **Anarchism - A history of libertarian ideas and movements**, World Publishing, Londres, 1962.
- Cuadernos Ruedo Iberico. **Bakunin - Marx, al margen de una polémica**, nº 55/57, Paris, 1977.
- Bicicleta, Revista de comunicaciones libertarias, nºs 1 a 22, Valencia, 1978/79.
- A : Rivista Anarchica, vários exemplares, Milano, 1978/79.

Biografia

Nasci em Alfenas — MG. Formado em jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, cursei filosofia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da mesma universidade.

Iniciei no jornalismo através do semanário *O Imparcial*, de Tupi Paulista — SP. Participei ativamente das experiências em jornalismo estudantil que resultaram na edição dos jornais *Dois Pontos* (1975-1976) e *Avesso* (1977-1978). Colaborei na direção do mensário *Beijo* em 1977-1978. Fui secretário de redação do jornal mensal *Leia Livros*, editor da *Folha Ilustrada* e do *Folhetim*, e atualmente sou correspondente da *Folha de S. Paulo* em Paris, França.

Caro leitor:

As opiniões expressas neste livro são as do autor, podem não ser as suas. Caso você ache que vale a pena escrever um outro livro sobre o mesmo tema, nós estamos dispostos a estudar sua publicação com o mesmo título como "segunda visão".





ABORTO
AÇÃO CULTURAL
ACULPADA
ADMINISTRAÇÃO
ADOLESCÊNCIA
AGRICULTURA SUSTENTÁVEL
AIDS
AIDS - 2ª VISÃO
ALCOOLISMO
ALIENAÇÃO
ALQUIMIA
ANARQUISMO
ÂNGSTIA
APARTIAÇÃO
ARQUITETURA
ARTE
ASSISTENTES RURAIS
ASSESSORIA DE IMPRENSA
ASTROLOGIA
ASTRONOMIA
ATOR
AUTONOMIA OBRARIA
AVENTURA
BARALHO
BELEZA
BENEFÍCIO
BIBLIOTECAS
BIOLÓGICA
BOLESA DE VALORES
BRINQUEDO
BUDISMO
BUROCRACIA
CAPITAL
CAPITAL INTERNACIONAL
CAPITALISMO
CÉTICISMO
CIDADANIA
CIDADE
CIÊNCIAS COGNITIVAS
CINEMA
COMPUTADOR
COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL
COMUNICAÇÃO RURAL
COMUNIDADE ECLESIAL
DE BASE

COMUNIDADES ALTERNATIVAS
CONSTITUINTE
CONTRO
CONTRACEPÇÃO
CONTRACULTURA
COOPERATIVISMO
CORPO
CORPORATRIA
CRIANÇA
CRIME
CULTURA
CULTURA POPULAR
DARWINISMO
DEFESA DO CONSUMIDOR
DEMOCRACIA
DEPRESSÃO
DEPUTADO
DESENHO ANIMADO
DESIGN
DESOBEDIÊNCIA CIVIL
DIALÉTICA
DIPLOMACIA
DIREITO
DIREITO ALTERNATIVO
DIREITOS DA PESSOA
DIREITOS HUMANOS
DOCUMENTAÇÃO
ECOLOGIA
EDITORA
EDUCAÇÃO
EDUCAÇÃO AMBIENTAL
EDUCAÇÃO FÍSICA
EMPREGOS E SALÁRIOS
EMPRESA
ENERGIA NUCLEAR
ENFERMAGEM
ENGENHARIA FLORESTAL
ESCOLHA PROFISSIONAL
ESCRITA FEMININA
ESPERANTO
ESPIRITISMO
ESPIRITISMO 2ª VISÃO
ESPORTE
ESTATÍSTICA
ESTRUTURA SINDICAL
ÉTICA



ETNOCENTRISMO
EXISTENCIALISMO
FAMÍLIA
FANZINE
FEMINISMO
FICÇÃO
FICÇÃO CIENTÍFICA
FILATELIA
FILOSOFIA
FILOSOFIA DA MENTE
FILOSOFIA MEDIEVAL
FÍSICA
FAM
FOLCLORE
FOME
FOLOGRAFIA
FUNÇÃOÁRIO PÚBLICO
FUTEBOL
GEOGRAFIA
GEOPOÍTICA
GESTO MUSICAL
GOPE DE ESTADO
GRAFITE
GRAMOLOGA
GRÁFI
GUERRA
HABES CORPUS
HERÓI
HERÓTIOS
HIPNOTISMO
HISTÓRIA EM QUADRINHOS
HISTÓRIA
HISTÓRIA DA CIÊNCIA
HISTÓRIA DAS MENTALIDADES
HOMIOPATIA
HOMOSSEXUALIDADE
IDEOLOGIA
IGREJA
IMAGINÁRIO
IMORALIDADE
IMPERIALISMO
INDÚSTRIA CULTURAL
INFANÇÃO
INFORMÁTICA
INFORMÁTICA 2ª VISÃO
INTELCTUAIS

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
BOGA
SEMISMO
LZZ
JORNALISMO
JORNALISMO SINDICAL
JUDAÍSMO
JUSTIÇA
LATER
LEGATIZAÇÃO DAS DROGAS
LITURGA
ESBRIANISMO
LIBERDADE
LINGUA
LINGUÍSTICA
LITERATURA INFANTE
LITERATURA POPULAR
LIVRO REFORÇAM
LINO
LULCURA
MAGIA
MAISVALIA
MARKETING
MARKETING PÚBLICO
MARXISMO
MATERIALISMO DIALÉTICO
MEDICINA ALTERNATIVA
MEDICINA POPULAR
MEDICINA PREVENTIVA
MEIO AMBIENTE
MENOR
MÉTODO PAULO FREIRE
MÍO
MORAL
MORTE
MULTINACIONAIS
MUSICA
MUSICA
MUSICA BRASILEIRA
MUSICA SERIANTA
NATUREZA
NATIVISMO
NEGRIUDE
NITROSE
NORDESTE BRASILEIRO
OCEANOGRAFIA



ONG
OPINIÃO PÚBLICA
ORIENTAÇÃO SEXUAL
PANTANAL
PARLAMENTARISMO
PARLAMENTARISMO MONÁRQUICO
PARTICIPAÇÃO
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA
PEDAGOGIA
PENA DE MORTE
PÊNIS
PERIFERIA URBANA
PESSOAS DEFICIENTES
PODER
PODER LEGISLATIVO
PODER LOCAL
POLÍTICA
POLÍTICA CULTURAL
POLÍTICA EDUCACIONAL
POLÍTICA NUCLEAR
POLÍTICA SOCIAL
POLUIÇÃO QUÍMICA
PORNOGRAFIA
PÓS-MODERNO
POSITIVISMO
PREVENÇÃO DE DROGAS
PROGRAMAÇÃO
PROPAGANDA IDEOLÓGICA
PSICANÁLISE 2ª VISÃO
PSICODRAMA
PSICOLOGIA
PSICOLOGIA COMUNITÁRIA
PSICOLOGIA SOCIAL
PSICOTERAPIA
PSICOTERAPIA DE FAMÍLIA
PSIQUIATRIA ALTERNATIVA
PUNK
QUESTÃO AGRÁRIA
QUESTÃO DA DÍVIDA EXTERNA
QUÍMICA
RACISMO
RÁDIO EM ONDAS CURTAS
RADIOATIVIDADE
REALIDADE
RECESSÃO
RECURSOS HUMANOS
REFORMA AGRÁRIA
RELAÇÕES INTERNACIONAIS
REMÉDIO
RETÓRICA
REVOLUÇÃO
ROBÓTICA
ROCK
ROMANCE POLICIAL
SEGURANÇA DO TRABALHO
SEMÍOTICA
SERVIÇO SOCIAL
SINDICALISMO
SOCIOBIOLOGIA
SOCIOLOGIA
SOCIOLOGIA DO ESPORTE
STRESS
SUBDESENVOLVIMENTO
SUICÍDIO
SUPERSTIÇÃO
TABU
TARÔ
TAYLORISMO
TEATRO NO
TEATRO
TEATRO INFANTIL
TECNOLOGIA
TELENOVELA
TEORIA
TOXICOMANIA
TRABALHO
TRADIÇÃO
TRÂNSITO
TRANSPORTE URBANO
TROTSKISMO
UMBANDA
UNIVERSIDADE
URBANISMO
UTOPIA
VELHICE
VEREADOR
VÍDEO
VIOLÊNCIA
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER
VIOLÊNCIA URBANA
XADREZ
ZEN
ZOOLOGIA